

EUARISTO Lima
MATERIALS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Fornecemos e montamos todo o tipo de Coberturas Metálicas Auto-Portantes
BLOCOTELHA E INTERTELHA

Av. Luís de Camões, 14
9600-563 RIBEIRA GRANDE
Telef. 296.470160
Fax 296.470165
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

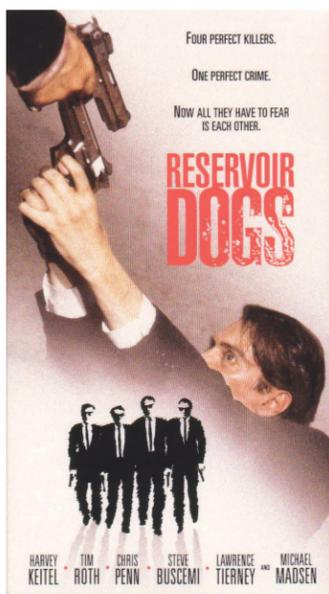
Peça-nos orçamentos

Três retratos de S. Pedro



António Valdemar **PÁG III**

**Fitas em rodagem
Quentin Tarantino e
Cães Danados**



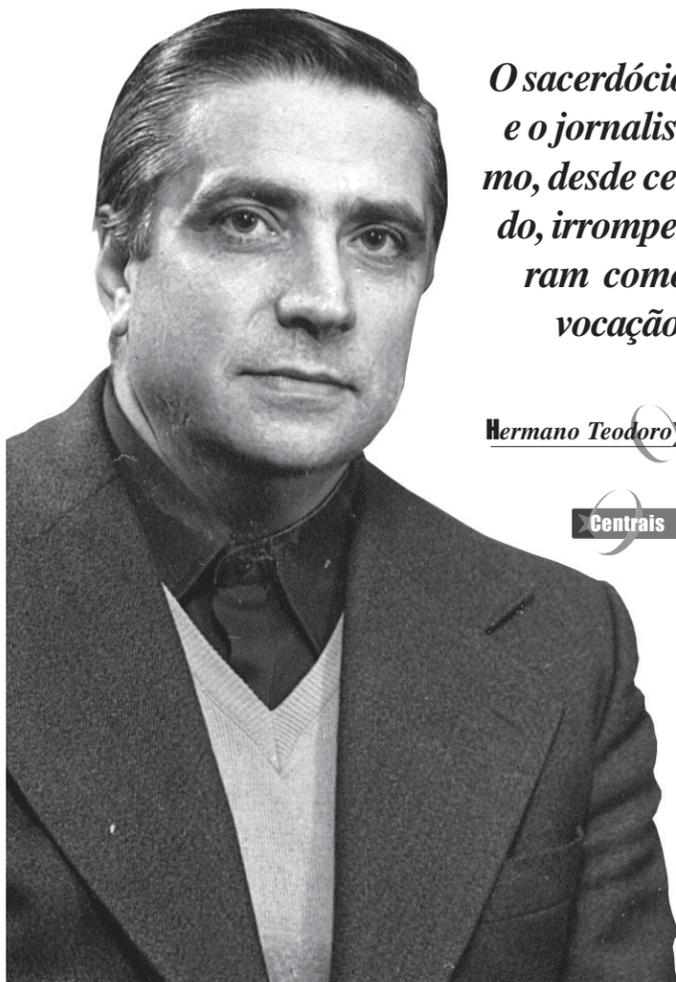
M. Bernardo Cabral **PÁG 5**

Quando elas brigam

Mª. de Fátima Borges **PÁG III**

Diálogos

Edmundo Pacheco

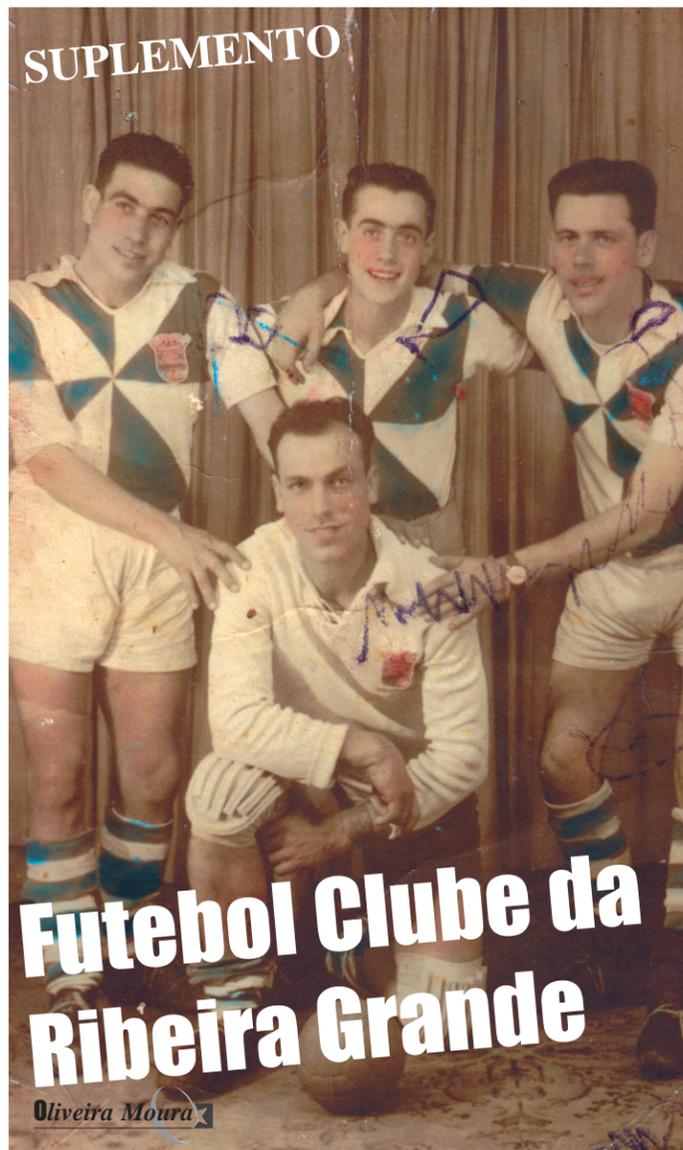


O sacerdócio e o jornalismo, desde cedo, irromperam como vocação.

Hermano Teodoro

Centrais

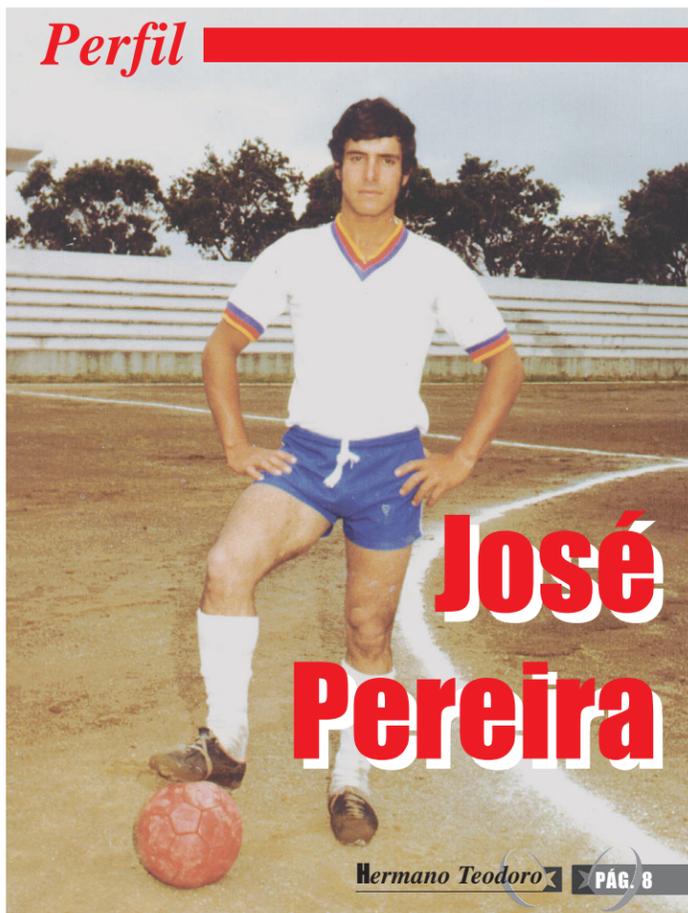
SUPLEMENTO



**Futebol Clube da
Ribeira Grande**

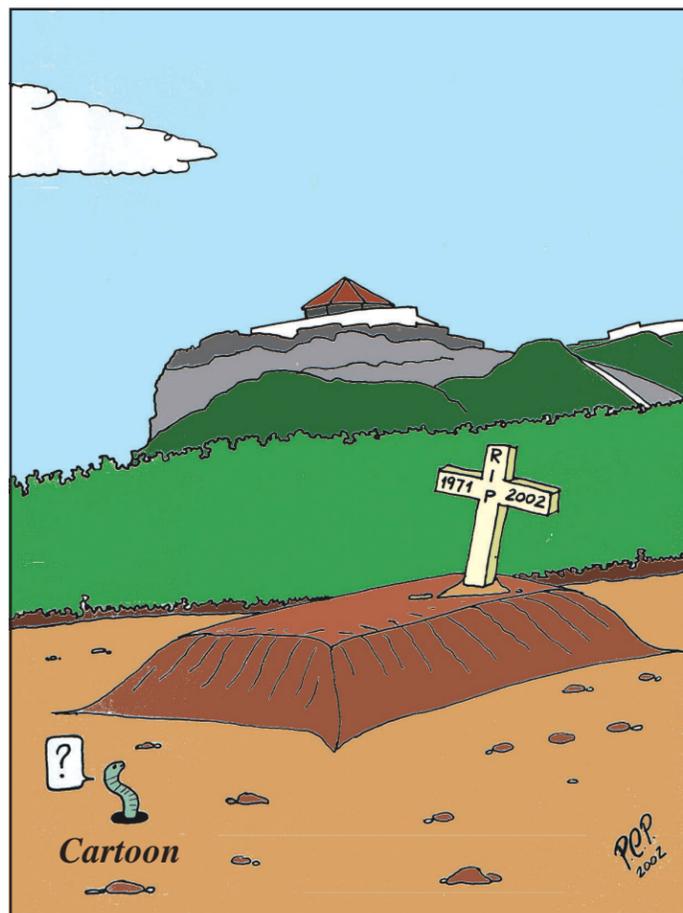
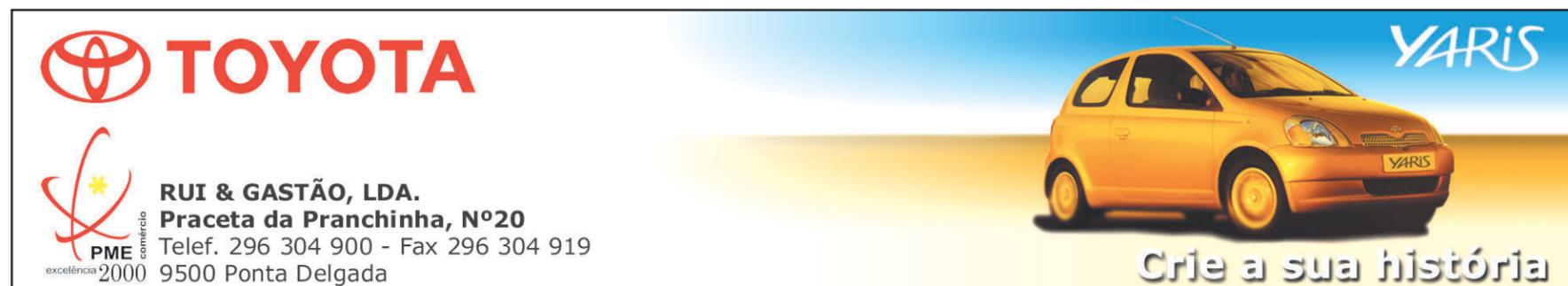
Oliveira Moura

Perfil



**José
Pereira**

Hermano Teodoro **PÁG. 8**

TOYOTA

YARIS

Crie a sua história

RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada

PME comércio
excelência 2000

Editorial

oliveiramoura@mail.pt



Se queres conhecer o teu futuro estuda bem o teu passado (Confúcio)

O ensino do que terá sido o 2 de Março de 1895 e o 6 de Junho de 1975 continua ausente dos currículos escolares açorianos, queixava-se, e com razão, em parangonas de primeira página o *Diário dos Açores* do dia 7 de Junho de 2002. A propósito, talvez o articulista devesse acrescentar ao rol o estudo e o ensino do que foi a instalação do Governo Civil e das estruturas do modelo vigente da Autonomia de 1976.

Continuaria a estar de acordo, primeiro, se aí se tivesse explicitado a necessidade de entregar o estudo de tão relevantes temas, iniciativa que deve anteceder o seu ensino, ao escopo de historiadores e de outros cientistas sociais. Não concordam?

Continuaria ainda de acordo, segundo, se aí se tivesse explicitado a intenção de separar o legítimo discurso político, destinado à luta política, do não menos legítimo discurso histórico. Não concordam?

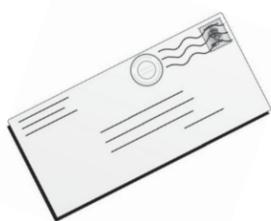
Continuaria ainda a estar de acordo, terceiro, se aí se tivesse explicitado o objectivo de tornar a memória de cada comunidade, de cada família, de cada indivíduo, seja a dos Brum de Rabo de Peixe, seja a da comunidade rabopeixense no seu todo, seja a dos Silva Melo da Cidade de Ribeira Grande, seja a da Cidade e do Concelho no seu todo, seja a dos Fraga do Corvo ou de todo o Corvo, a memória da comunidade de todos os Brum, Silva Melo, Fraga, etc., o que, no seu todo, constituirá a História da Região Autónoma dos Açores, uma das duas de Portugal. Não concordam?

E ainda continuaria de acordo, por último, se aí se tivesse explicitado a escolha, entre as muitas questões recorrentes, cada comunidade terá as suas, de duas da Cidade de Ribeira Grande, lançadas há muito ao abismo incerto do futuro, a saber:

1- Por que razão, só em 1981, com honra mas sem proveito, foi a Vila da Ribeira Grande elevada à categoria de Cidade, apesar de em meados do século XIX, já o ter requerido?

2- Por que razão, à volta de 1895, nos jornais *O Norte*, da Ribeira Grande, ou no *Aurora Povoacense*, da Vila da Povoação, entre outros, se escreveu, não textualmente, "que se passara da alçada do Terreiro do Paço para a dos corredores do Colégio"?

Nota: Título retirado do trabalho do Dr. Pedro Paulo Silva, na folha três deste número.



Caixa do Correio

O que li na notícia 'Plano Rodoviário de São Miguel e Projecto do Saco da Doca: Economia e Habitação unem esforços', na página 4, do *Correio dos Açores*, de 16 de Junho de 2002, leva-me à seguinte reflexão: o desenvolvimento da ilha de S. Miguel está subordinado aos interesses de Ponta Delgada; o Governo Regional age em Ponta Delgada como se de uma super-Câmara se tratasse, ao contrário do que não faz na restante ilha.

No mesmo dia à noite, na estação de Televisão SIC, em entrevista de Maria João Avillez a António Capucho, Presidente da Câmara Municipal de Cascais, eleito pelo PSD, aquele autarca, a certo passo da entrevista, disse: 'as sucessivas administrações autárquicas que governaram a Câmara de Cascais, e mesmo o Governo da República, apostaram erradamente só em Cascais, deixando o resto do Concelho sub-desenvolvido e deprimido. Agora teremos de o contrariar.'

Pergunto ao Governo Regional se não será isso que acontecerá à nossa Ilha com a aposta centralizadora em Ponta Delgada? Não criará diferenças abissais entre PD e o resto da Ilha? Não contribuirá para a desertificação das freguesias e a fuga para PD? Não contribuirá para deprimir o resto da Ilha?

Em jornais locais da semana passada acusa-se os micalenses de serem demasiado 'amanhados' e incita-se ao seu despertar. Todavia, se são 'amanhados e mansos', para mal dos nossos pecados, os ribeiragrandenses e os da costa Norte, serão muito mais. Por isso terão o que merecem.

Fernando Sousa

A propósito de uma intervenção de Manuel Arruda na Assembleia Regional, anterior Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, e proeminente membro dos governos de Mota Amaral e do aparelho do PSD, na qual acusa com dados seguros de, por exemplo, o Governo Regional rosa, investir mais num Concelho PS, de pouco mais de 30 000 habitantes, do que em toda a Ilha de S. Miguel. Gostaria de perguntar-lhe o quanto desse pouco foi investido na Ribeira Grande, um Concelho com pouco menos de 30 000

habitantes? E aos do PS que alegam que não o fizeram porque os autarcas da Ribeira Grande, ao contrário dos do Nordeste e de uma minúscula Câmara laranja de São Jorge, 'não sabem pedir nem pedem.' Digam-nos lá o que consideram saber pedir? É que a Ribeira Grande já não está pelos ajustes. Se isto não for discriminação, o que será?

Margarida T.

Continuo a receber pontualmente o 'A Estrela Oriental' (...). Os meus parabéns pela vitória dobrada do Sporting Clube Jardel orientado pelo Sr. Mário Boloni...

As maiores felicidades e os meus sinceros cumprimentos.

José António Cordeiro. Cascais.

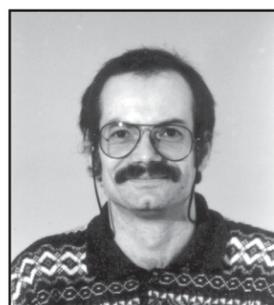
CTT/Ribeira Grande

A uma queixa de um utente enviada através do nosso jornal acerca da exiguidade do espaço da estação dos CTT da Cidade de Ribeira Grande, da falta de dignidade de Cidade e de pouco pessoal para acudir às exigências dos utentes recebeu-se da Direcção Comercial dos Açores dos CTT, assinado pela Directora Comercial, o seguinte esclarecimento, uma espécie de 'uma no cravo e outra na ferradura' civilizado, em tom de linguagem de relações públicas de manual:

'Mereceu a melhor atenção a reclamação que nos enviou, pois através de contributos como o presente poderemos tomar medidas no sentido de corrigir as nossas deficiências, sendo as filas de espera uma daquelas que muito nos preocupa. Os Correios de Portugal consideram de maior importância a opinião dos seus clientes sobre a forma de funcionamento da empresa, e apostam cada vez mais na prestação de serviços de qualidade, procurando que estes respondam a um conjunto cada vez mais de solicitações do mercado em que nos posicionamos. Sobre o assunto exposto, queremos agradecer-lhe a opinião manifestada que irá, decerto, contribuir para uma melhor análise do problema. Para resolver estes problemas fazemos análises contínuas ao movimento da Estação, para melhor ajustar a oferta à procura.' Gostaríamos de saber qual o resultado destas 'análises contínuas' e o remédio para as mesmas.

Plantas Usadas na Medicina Popular (14)

Plantaginaceae - *Plantago major*



Outras designações

Chantage, Chentage (Beira), Tantage (Ponte de Lima) e Chinchagem (Trancoso, Santa Comba Dão).

Identificação

Erva rasteira com folhas ovadas e flores acinzentadas e avermelhadas reunidas em espiga densa com longo pedúnculo.

Existe em todas as ilhas dos Açores.

Utilização

O Eng.º Silvano Pereira, em artigo publicado em 1953, no Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, n.º 17, depois de fazer uma descrição da planta, refere que "a infusão das folhas é usada como emoliente em inflamações ou engorgitamentos" e que "o sumo das folhas emprega-se como cicatrizante em feridas".



Ficha Técnica:

Jornal Mensal | Propriedade: **Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Publicidade:** Luís Faria - 919020517 | **Paginação:** Francisco Veloso | **Tratamento de Texto:** Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Oflia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Vasques, Teófilo de Braga

Colaboradores Fuseirinho: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

a;nd
Associação Portuguesa de Imprensa

História dos Açores:

A pequena grande História dos heróis do mar e da terra



Sem memória não há identidade; sem identidade não há diferença ou consciência dela.

Não é aceitável que se persista no erro grosseiro de não se ensinar História dos Açores nos nossos estabelecimentos de ensino. Esse grave erro, essa lacuna essencial do nosso ensino, radica na falta de vontade política do Terreiro do Paço e é a expressão clara e inequívoca da existência de um preconceito ‘anti-açoriano’, ‘malgré’ todas as conquistas emergentes do 25 de Abril de 1974.

É que nós açorianos temos raízes profundas nesta terra, raízes seculares. Temos raízes na terra e no mar; e o nosso sonho

passou para além do mar dando como diria Camões ‘novos mundos ao mundo.’ Passar para além do mar é passar além da dor, é como dobrar o Bojador por Gil Eanes. Durante o salazarismo passámos o cabo das Tormentas, com o 25 de Abril de 1974, passámos o Cabo da Boa Esperança. Nemésio tinha toda a razão quando afirmou que para nós açorianos ‘a geografia vale tanto como a História.’ O mar criou uma particular maneira de ser, um destino peculiar.

Somos filhos do mar. Criámos uma consciência própria (‘e como escreveu Antero, nosso ilustre conterrâneo: o Sumo Bem, o Verbo, a Essência, só se revela ao homem e às nações no céu incorruptível da consciência’).

A fala do açoriano é a fala da açorianidade (expressão nemesiana decerto inspirada na *Hispanidad* de Miguel de Unamuno).

E a fala do açoriano é: ‘Vivi como um homem da humanidade, mas à minha maneira. Incapaz de compreender o Mistério da Vida, da Morte, do Homem, fiquei para sempre, ilha em terra, olhando o mar, cumprindo o destino.

Apesar do muito mar e da pouca terra que tenho, sei de cor o poema da liberdade. Tal qual o Cavador que cava a sua terra, cavei fundo em mim e descobri as palavras com que nomeei o mundo. E o pão que me sobra, tento passá-lo de mão em mão. Quando me querem calar digo sempre que não, se o puro sentimento condena o puro silêncio. E as palavras que semeio no vento, são a luz que me alumia a caminhada pelas imensas praias desertas.

Cuido amorosamente das flores mais belas do Jardim da Vida: a amizade e a poesia. Com palavras, sempre com palavras, mas nem sempre as palavras estão à altura dos meus mais puros sentimentos.’

Quanto maior o conhecimento das nossas raízes, da nossa vida de quinhentos anos nestas ilhas, mais fortes e unidos seremos individual e colectivamente, mais forte será a nossa autonomia política.

É pois, um pecado lesa autonomia não ensinar a nossa história à nossa Juventude, é uma ignominiosa traição à inteligência e à cultura manter os Jovens ignorantes das suas raízes, sem referências do passado que lhes permitam compreender melhor o presente, para melhor prepararem o seu futuro, o nosso futuro, o futuro dos Açores.

Dizia Confúcio, sábio da antiguidade que ‘Se queres conhecer o teu futuro estuda bem o teu passado’.

Ora o passado é uma lição, e como lição que é, é preciso estudá-lo para compreendê-lo. Compreender-se, situar-se no tempo e no mundo, na vida e na cultura Universal. Tem a palavra quem manda.

Mas o grave problema deste ‘Jardim à beira mar plantado’ é que quase sempre, quem verdadeiramente quer não pode e quem verdadeiramente pode não quer. ‘Deus dá nozes a quem não tem dentes’. E os homens dão a quem já tem, e tiram a quem precisa!

Pedro Paulo Silva

O meu ponto de vista

Déficit democrático



O Partido Socialista tem utilizado as instituições de governo próprio dos Açores para alimentar a sua clientela, para distribuir e gerir os

dinheiros públicos a seu belo prazer, discriminando entre “filhos” e “enteados”, conforme sejam os cidadãos e as instituições conotados ou não com o PS. Os números relativos à cooperação entre o Governo Regional e as autarquias, publicados no Jornal Oficial, entre 1 de Janeiro de 1997 e 31 de Dezembro de 2001, confirmam este modo de estar na política de César.

Que critérios poderão presidir a apoios tão díspares, como aquele que o governo de César tem aplicado na distribuição dos apoios às autarquias a não ser o de uso indiscriminado dos dinheiros públicos, no intuito do PS ganhar a força eleitoral que não tem ou, então, para ajudar a “vidinha” de algum “camarada”?

Das 19 Câmaras Municipais dos Açores, objecto de cooperação financeira com o governo de César, as cinco primeiras mais bafejadas pela sorte socialista são as únicas cinco Câmaras do PS.

O Concelho da Ribeira Grande, com 28.476 habitantes, recebeu do “imparcial” César 559.180 contos.

O Concelho da Povoação, presidido na altura pelo actual director-geral do PS, com 6.753 habitantes, foi apoiado pelo “camarada” César em 1.297.933 contos.

O Concelho de Angra do Heroísmo, com 35.505 habitantes, dirigido pelo “camarada” Sérgio Ávila, foi apoiado por César em 3,8 milhões de contos.

O governo de César atribuiu a cada “enteado” da Ribeira Grande 28.471\$00, a cada “filho” da Povoação 192.201\$00 e a cada “filho” de Angra do Heroísmo 106.591\$00.

Só o “camarada” Sérgio Ávila recebeu mais 1,4 milhões de contos do que o conjunto das 14 Câmaras Municipais presididas pelo PSD.

A Junta de Freguesia de São Pedro, em Ponta Delgada, então dirigida pelos socialistas próximos de José Contento, recebeu apoios no valor de 98.693 contos e a Junta de Freguesia das Furnas, também presidida pelo PS, foi apoiada em 49.467 contos. O conjunto das 14 Juntas de Freguesia do Concelho da Ribeira Grande receberam de César 114.025 contos, ou seja, menos 34.135 contos do que estas duas Juntas de Freguesias, então dirigidas pelo PS.

A discriminação política praticada pelo governo de César também teve lugar dentro de portas, no Concelho da Ribeira Grande. Dos 114.025 contos atribuídos às 14 Juntas de Freguesia do Concelho, 26%, ou seja, 30 mil contos bafejaram a Junta de Freguesia dos Fenais da Ajuda, presidida pelo PS. Entretanto, os apoios à Junta de Freguesia de Rabo de Peixe, presidida por Artur Martins, quedou-se pelos 17.350 contos.

Toda esta discriminação com base na cor partidária, prejudicando o desenvolvimento do Concelho da Ribeira Grande, teve o consentimento do candidato do PS à Câmara Municipal da Ribeira Grande e seu actual Vereador, já que durante estes anos foi o responsável pela Direcção Regional da Habitação, do governo de César.

Estes são alguns dos números que conhecemos, porque estão publicados no Jornal Oficial. Imagine o leitor o que não se passará com os outros milhões do Orçamento Regional que são distribuídos em adjudicações por ajuste directo em obras públicas, aquisições de bens e serviços, etc.. Se o governo de Durão Barroso aplicasse os critérios do governo de César na distribuição dos apoios financeiros do orçamento, os Açores, por terem um Governo Regional socialista, receberiam 5 vezes menos transferências do que a Madeira.

Nos Açores há déficit democrático. Os números do governo espelham-no.

Hermano Aguiar

Os leitores d’ A Estrela Oriental têm opinião!

A sua também é importante. Envie-a para:

estrelaoriental@portugalmail.com



O MOINHO - Café-Snack-Pub
Uma janela virada ao mar



Praia dos Moinhos
Porto Formoso

Tel. 296 442 110
S. Miguel - Açores

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

Na Galeria Comercial do Hiper Modelo na Ribeira Grande
 Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

A. Machado
 Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é VOCÊ

296 30 26 50

REF^o 917 - CASA
 Lomba da Maia
 Total: 160 m²
 Superfície Coberta: 60 m³
 Quintal: 100 m²

Construída num só piso composto por hall de entrada, sala de estar, quarto de cama, cozinha, quarto de banho, terraço com excelente vista panorâmica sobre o mar e quintal.

Rede Imobiliária **On-Line:**
 Regional: WWW.AMACHADO.PT
 Nacional: WWW.APEMI.PT
 Internacional: WWW.FIABCI.COM

REF^o 1307 - CASA
 Rabo de Peixe
 Total: 240 m²
 Superfície Coberta: 90 m²
 Quintal: 150 m²

Constituída no rés do chão por três quartos, garagem, terraço, e quintal grande com anexo destinado a arrumos. 1º Piso composto por três quartos, cozinha e copa, galeria, quarto de banho e 2ª cozinha.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
 MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
 Rua do Passal, n.º 17B - 1º Piso
 9600 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção

Fitas em rodagem

QUENTIN TARANTINO e Cães Danados (Reservoir Dogs) I



A las cinco de la tarde.
Eran las cinco en punto de la tarde.
Un niño trajo la blanca sábana
a las cinco de la tarde.
Una espuerta de cal ya prevenida.
a las cinco de la tarde.
Lo demás era muerte e sólo muerte
a las cinco de la tarde

Estas palavras do famoso poema «Llanto por Ignacio Sánchez Mejías» de Federico Garcia Lorca poderiam facilmente aplicar-se a este filme, pois *Reservoir Dogs* trata essencialmente da morte. Outros temas passam pelo écran neste filme, mas a morte está sempre presente, fulcral em toda a narrativa. É uma morte como centro temático, fotografada de uma maneira gráfica e estilizada, mas ao mesmo tempo extremamente real, cruel e violenta, que questiona seriamente a absurdez da vida, e que se tornará numa espécie de obsessiva imagem de marca para o realizador deste filme. Produzido em 1992, *Reservoir Dogs* é um pequeno filme de baixo orçamento, quase uma produção “underground”, mas cujo espantoso sucesso lançou de imediato a carreira do seu realizador, o estreante Quentin Tarantino, então recém graduado do famoso Sundance Institute for Advanced Film Studies, fundado por Robert Redford. Com fortes caracte-

rísticas de filme “noir”, e com um estilo que faz lembrar a nova vaga inglesa e alguns filmes de Stanley Kubrick (1), este filme foi uma lufada de ar fresco numa indústria cinematográfica americana que há muito se rege por fórmulas e, embora extraordinariamente bem sucedida comercialmente, do ponto de vista criativo dedica-se essencialmente a vestir com novas roupagens os mesmos filmes de sempre. Neste cenário Tarantino surpreende, pois surge não exactamente como um independente, como Hall Hartley ou Paul Morrissey entre outros, exemplos de um verdadeiro cinema independente americano, mas sim pela mão de Robert Redford e do Sundance Institute, que apadrinha e financia o projecto, tornando-se numa espécie de história de sucesso para o próprio instituto, que tem como objectivos promover a arte e desenvolver a criatividade na indústria cinematográfica. Seguem-se *Pulp Fiction* e *Jackie Brown*, onde grandes estrelas como Bruce Willis, Samuel L. Jackson e Robert de Niro se sentem privilegiados em participar e a sua carreira não pára por aí. Ao contrário de outros, como Steve Solderberg que após o seu grande sucesso com *Sex, Lies and Videotape* se afunda com o falhanço de *Kafka*, que lhe valeu quase uma década de quarentena da cadeira de realizador, Tarantino continua pujante com uma carreira que para além da realização, conta ainda com uma colaboração como argumentista com Oliver Stone, sem dúvida um dos mais importantes produtores e realizadores da actualidade em Hollywood. Mas, se o apoio de pesos pesados de Hollywood, como Redford e Stone, foram determinantes para o seu lançamento, não há dúvida que é ao seu próprio talento que ele deve a continuidade do seu sucesso. Um sucesso nada fácil de atingir,

pois Tarantino conseguiu a difícil tarefa de aliar o sucesso comercial ao crítico, fora do paradigma do filme fórmula de Hollywood.

A fuga à fórmula de Hollywood acaba por ser talvez a chave do sucesso de Tarantino, pois força-o a construir o seu próprio espaço, tornando-o num realizador distinto dos demais, que, tal como Woddy Allen, cria o seu próprio público de “habitues”. Os seus três primeiros filmes (não vi o quarto e último) apostam todos na violência como enquadramento e “leitmotif” da acção, e na descontinuidade narrativa. É aliás na combinação hábil dessa dualidade que reside o sucesso deste realizador. A violência, que a História do cinema nos ensina ser quase sempre receita certa para garantir o sucesso de um filme, surge em Tarantino quase que coreografada e devidamente justificada e enquadrada na narrativa, conseguindo assim simultaneamente atrair um público alargado e grangear os aplausos dos críticos e intelectuais. Com ela surge a narrativa fragmentada, que ele aperfeiçoa de filme para filme, mas que já em *Reservoir Dogs* é utilizada de um modo surpreendente e extremamente eficaz, forçando o espectador a tornar-se num elemento activo da construção da história que lhe é contada, quase como num jogo de “clue”. Esta forma de conduzir o filme foi altamente apreciada pela crítica, que lhe gabou os dotes inovadores e a sua grande criatividade. Esses elogios, aliás merecidos no que respeita à criatividade, são no entanto despropositados quanto à inovação, e reveladores da ignorância dessa nova geração de críticos, que se esquece que já em *Citizen Kane* Orson Welles fragmentara a narrativa de acordo com pontos de vista diferentes de narradores múltiplos, técnica também

utilizada por Akira Kurosawa em *Rashomon* (2), para além de outros cineastas que também experimentaram um pouco essa forma de narrar no écran. Quentin Tarantino não foi portanto um pioneiro na utilização dessa técnica, nem um inovador, mas sim um profundo conhecedor da história do cinema e um digno herdeiro desses cineastas que o precederam. Mas, se não foi exactamente um precursor nessa forma de narrar, a verdade é que foi ele que a levou mais longe, fazendo dela a sua forma pessoal de fazer cinema.

Quentin Tarantino é hoje um respeitado realizador americano, que soube construir para si um lugar inconfundível em Hollywood, fugindo das fórmulas e convenções narrativas do cinema americano. Mas não deixa de ser irónico que ao fazê-lo, criou a sua própria fórmula, tão rígida como aquelas de que procurara demarcar-se. Irá o seu público cansar-se um dia dos seus filmes? Sobreviverá Tarantino como realizador se abandonar o modelo a que habituou o seu público? Tudo isso são perguntas que só o futuro responderá.

(1) Tarantino credita um dos primeiros filmes de Kubrick, *The Killing (Um Roubo no Hipódromo)* como a sua principal influência neste filme.

(2) De notar que um dos filmes de Kurosawa se chama *Cão Raivoso*. Fonte de inspiração para o título *Cães Danados* ou pura coincidência?

Manuel Bernardo Cabral

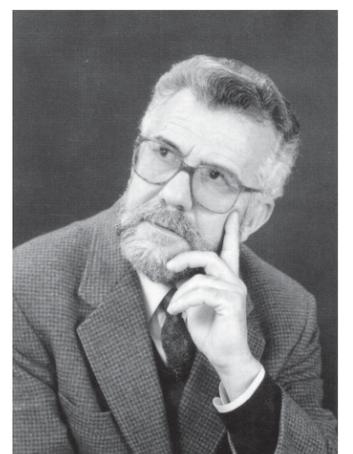
CRISTOVÃO DE AGUIAR E O PRÉMIO NACIONAL MIGUEL TORGA

É evidente que eu, longe de mim tão leviano desejo, não vou espriar-me ou deliciar-me numa crítica “profunda e pensabunda” do livro que te fez ganhar mais um PRÉMIO, desta vez o de Miguel Torga, diarista, ficcionista e poeta, que, desde bem novos, nos deliciou e ensinou com as suas enebriantes palavras. Esta tarefa já foi feita por quem bem sabe fazê-lo. Entre muitos, escolheram-te. Foste o indelével e inquestionável vencedor. Quando me falaste, da América, comunicando-me a notícia, percebia-se a alegria que sentias, mas acompanhada da humildade que, sendo uma constante tua, te fez ser o que és. O orgulho que me invadiu era demasiado grande

para poder ter espaço suficiente nesse emaranhado da tecnologia das comunicações. Ser teu amigo, teu antigo e actual companheiro de alegrias e tristezas, faz-me (pasmem os céus) sentir importante. É que, efectivamente, nada é tão válido como a verdadeira AMIZADE. Como a princípio te digo, a crítica ao livro, com a atribuição da conhecida distinção, já foi feita. Calculo quão custosa de digerir terá sido, para alguns críticos (?) caseiros, a verificação, mais uma vez, de que tu és realmente BOM. Eles, disfarçados com um erudito conhecimento de além fronteiras, adoram complicar o óbvio, explicar o inexplicável, justificar o absurdo e obscurecer o evidente.

Enredam-se em palavras, sem sentido e sem objectivo (pelo menos aparente), para, mais tarde, na reduzida tertúlia de amigos, serem elogiados e enaltecidos. Estes, hoje, suponho, guindar-se-ão “ao silêncio coalhado de despeito e de inveja”, para usar as palavras de Fernando. Uma coisa te afirmo, Cristovão. Para te perceber, para desvendar os trilhos duma existência escarpada, é SÓ preciso saber ler, gostar de ler. O resto é esta contínua emoção incontrolada, é o aplauso ou a contestação às tuas personagens, é a vivência, de dentro para fora, da mística envolvente e cativante dos teus relatos. É saborear ou repudiar reacções, vibrações emocionais

ou percursos. É amar ou desamar os que, de forma íntima ou tão familiar, vão calcorreando os sulcos da tua escrita. Obrigado, Cristovão, por mais esta alegria que me dás e a todos os açoreanos amantes da literatura e, sobretudo, da sua terra. Bem hajam. E continua neste maravilhoso confessionário, em que a única penitência possível será a de te obrigar a manter sempre viva esta tarefa de “escrever... escrevendo-te a ti próprio”, mesmo que “por detrás de cada linha ou verso escrito, muita dor sublimada se encontra latente”, como confessas nesse extraordinário conto (ou caso?), TRASFEGA. O teu amigo de ontem, de hoje e



de sempre, para além de grande admirador.

Viriato Hermínio do Rego Costa Madeira

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

Diálogos

Edmundo Manuel Pacheco: padre, cidadão e jornalista

O sacerdócio e o jornalismo, desde cedo, irromperam como vocação. Não tivesse sido seu padrinho do Crisma o Cónego Cristiano de Jesus Borges. Porém, como cidadão nunca descurou participar nos meios sociais onde se foi inserindo, principalmente, na terra que o viu nascer: a Ribeira Grande. Hoje, percorridos 77 anos, lembra com muita convicção todas as suas ideias e as lutas para conseguir levá-las em frente. É um homem do Vaticano II. Em 1965, fundou na ex-vila ribeiragrandense o Círculo dos Amigos. Foi defensor da elevação da Ribeira Grande a Cidade. Inclusive, sempre foi da opinião de que a freguesia de Santa Bárbara fosse, já em 1981, sua quota parte. Uma vida e um currículo admiráveis.

Perfil

Edmundo Manuel Pacheco, padre e jornalista por vocação, sportinguista apaixonado, cidadão de peito aberto pela defesa da sua terra, nasceu na freguesia da advocação da Senhora da Conceição, Concelho de Ribeira Grande, no ano de 1925. Teve por padrinho do Crisma o Cónego Cristiano de Jesus Borges, pessoa de soberba inteligência, de quem sempre foi admirador. Fez os seus estudos primários com uma professora particular, a Senhora Marquinhos de Melo, da sua freguesia natal, tendo-os completado na antiga Escola Central. Concluída a 4.ª Classe, segue para o Seminário de Angra do Heroísmo, aqui estudando durante dez anos. Em 1946, acaba o curso de Seminariista, deixando um rasto de intensa prática jornalística. Tinha 20 anos. A idade canónica para se ser ordenado padre era de 24. Porém, só esperou dois anos, tempo em que foi professor no Seminário angrense, tendo sido ordenado sob benedictino de Pio XII e, coisa inédita, numa missa campal no Relvão de Angra, estava a Imagem Peregrina de Fátima em visita à cidade, e a primeira vez nos Açores (1948). Em 11 de Julho de 1948 celebra a sua Missa Nova na Capelinha das Aparições em Fátima. Foi Fâmulo do Bispo da Diocese de Angra, D. Guilherme da Cunha Guimarães, durante poucos meses. Em 1949, é nomeado coadjutor do pároco da Conceição, Padre Luís Cabral, e Capelão do Hospital da Ribeira Grande, com assistência religiosa na igreja dos Frades, altura em que funda a *Associação do Pão de Santo António*, com benfeitores civis, cujo objectivo era o de distribuir, mensalmente, no dia 13, pães de milho e de trigo, cozinhados na *Padaria Favinha*, hoje, *Revoredo*, aos pobres das freguesias de Ribeira Seca, Conceição e Matriz. O seu espírito benemérito havia de se estender à sua participação nos órgãos directivos dos *Lares Jacinto Ferreira Cabido* e *Bernardo Manuel da Silveira Estrela*. Em cinquenta, colabora na imprensa da Ilha de São Miguel; na *Emissora Regional dos Açores*, chegando a fazer em Angra, e pela primeira vez em Portugal, um directo sobre a sagração de um Bispo; foi professor de Religião e Moral no extinto *Externato Ribeiragrandense*; e associa-se ao futebol como dirigente. De 1954 a 1959 foi pároco na freguesia de Calhetas. No

final de 59 segue para Lisboa, onde, durante seis anos, para além de Secretário do Bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva, Bispo Auxiliar do Patriarca, Cardeal Cerejeira, e por convite da autoridade eclesiástica afecta ao patriarcado, dirigiu o semanário católico *A Voz da Verdade*. Em 1965, cria na Ribeira Grande o *Círculo dos Amigos*. No mesmo ano, segue para Viseu acompanhando o mesmo Bispo. Aqui chegou a escrever para o *Jornal da Beira*, órgão oficial da Diocese. Nos anos sessenta, continua a colaborar na imprensa micalense. É em 1969, motivado por doença paterna, que regressa em definitivo à Ribeira Grande, ficando colocado como coadjutor do pároco da Matriz, Padre Manuel Sousa Medeiros. De regresso à Ribeira Grande, para além de ter sido Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande, foi professor no *Ciclo Preparatório Gaspar Frutuoso*, onde chega a fazer parte do seu corpo directivo, e tornou-se correspondente do jornal o *Correio dos Açores*. Todavia, colaborou em outros jornais e na *RDP-Açores*. Em setenta, na comunicação social, defende ideias que considerava oportunas para o desenvolvimento da sua terra. Por outro lado, implementa os ditames do Concílio Vaticano II. Mostrou-se um defensor acérrimo da elevação da Ribeira Grande a Cidade. Ousou, sem medo, fazer valer a ideia de que a freguesia de Santa Bárbara se integrasse, desde logo, na Cidade. Foi membro da Comissão Diocesana para a Comunicação Social nos Açores, durante o bispado de D. Aurélio Granada Escudeiro. Para o ano de 1986, volta à freguesia da Conceição como pároco e, novamente, como Capelão do Hospital, situação que, hoje, ainda se mantém. Ainda em oitenta, com dois ribeiragrandenses, Dr. Eduardo Vieira e Eng.º António Vieira, traz o *Lions Clube* para a Ribeira Grande. Não há muitos anos, chegou a ser convidado para comentador da *RDP-Açores* e *RTP-Açores* nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Também associou-se ao jornal *Terra Nostra* e à *Rádio Nova Cidade*. Actualmente, ainda continua ligado à Comunicação Social. Um currículo invejável.

Religioso ecuménico O Vaticano II – 1962-1965

HT – O Senhor fez a sua formação numa Igreja anterior ao Concílio Vaticano II, vindo a ter uma larga experiência de religioso após esse Concílio. Em seu ver, temos duas Igrejas notoriamente distintas antes e depois do Vaticano II?

EP – O Concílio Vaticano II foi uma necessidade que a Igreja sentiu para acompanhar a evolução da sociedade. O Papa João XXIII foi um homem providencial nesse aspecto, abrindo as suas portas para o Mundo e isso foi um benefício enorme para a própria Igreja e para a humanidade. Reconheço que tudo quanto o Concílio decretou ainda hoje vai sendo introduzido com muita lentidão. Na Igreja, as revoluções e as renovações são muito lentas. Não tem sido possível fazer-se essa revolução de um momento para o outro. Até já se tem falado num Vaticano III, com vista a se acertar e melhorar o

decretado no anterior, isto é, para lhe dar um empurrão e até mesmo atender a novas transformações sociais.

HT – Passados mais de trinta anos sobre o Concílio, podia dar exemplos do que nele tenha sido decretado e que nunca chegou a ser posto em prática?

EP – A resposta não é fácil. Depende das comunidades. Uma cidade muito mais facilmente aceita as modificações, os avanços do Concílio, do que uma aldeia. De maneira que isto depende de várias circunstâncias, quer das sociedades, quer das populações, quer também das orientações da Instituição Eclesiástica. No entanto, compete a ela incutir e dar o avanço nessas modificações.

HT – O caso do divórcio foi discutido no Concílio?

EP – Falou-se no casamento. A documentação conciliar assegurou e intensificou as bases de todas as Verdades, de tudo o que diz respeito aos Sacramentos, de modo que não se pode dizer que houvesse uma revolução nesse particular. Os decretos do Concílio vieram dar valor extraordinário, por exemplo, à família, ao amor, e à educação dos filhos.

HT – E o decretado que tenha sido posto em prática?

EP – Uma coisa que imediatamente resultou do Concílio Vaticano II, e que foi bem aceite, foi os textos Litúrgicos e dos Sacramentos terem passado do latim para as línguas nacionais. Foi uma autêntica revolução. A questão social que daí decorreu foi benfazeja: deu-se impulso a uma nova participação das pessoas no seio da Igreja. Mais em concreto, enquanto coadjutor na Matriz cheguei a criar um serviço religioso ecuménico mensal. Posso dizer que era o Vaticano II posto em prática. Os encontros eram feitos por Católicos, Protestantes e Testemunhas de Jeová. Vinham todos de Ponta Delgada, excepto alguns oriundos da Ribeira Grande.

HT – Como religioso, portador de espírito ecuménico, quer indicar uma personalidade do mundo da religião que tenha sido um modelo para a sua vida?

EP – São Francisco de Assis.

Teresa da Anunciada

HT – Temos Madre Teresa da Anunciada, uma franciscana, que comentário faz ao comportamento da Igreja açoriana relativamente ao que aconteceu quando, durante as últimas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, o Cardeal D. José Saraiva Martins, responsável máximo, em Roma, para os casos de canonização, afirmou que o processo de beatificação de Teresa da Anunciada ainda não se encontrava na Santa Sé?

EP – De facto fiquei muito surpreendido. Por aquilo que ouço falar, no tempo do Senhor Bispo D. Aurélio Granada Escudeiro o Processo fora apresentado por ele à Conferência Episcopal Portuguesa. Aí disseram que sim e eu supus que tudo tinha seguido para Roma. Não sei se com a afirmação do Cardeal D. José Martins se pode concluir que nada está em Roma ou então que ainda nada tenha chegado ao conhecimento dele. Penso que há boa fé quer do Monsenhor Agostinho Tavares, Reitor do Santuário da Esperança,

quer do actual Bispo da Diocese de Angra, D. José de Sousa Braga. Já sabíamos que esse Processo, como qualquer outro, não é uma coisa fácil. São coisas que demoram. Na Igreja açoriana há todo o interesse e cuidado que isso vá para a frente.

HT – É da opinião de que os ‘factos extraordinários’ é que são relevantes para uma beatificação ou coloca-se do lado daquela corrente que defende que o fenómeno sócio-religioso, à volta das figuras, é que é mais importante do que propriamente a acumulação de milagres?

EP – Pode haver as duas situações. Já houve um caso milagroso. Julgo que será suficiente para a beatificação de Madre Teresa da Anunciada. Mas o facto dela ter feito a Primeira Procissão e de ter aquele espírito de ensinar o povo a ter confiança em Cristo, e isso com uma continuidade de trezentos anos, também é razão forte para a sua beatificação.

Da ex-Vila: romarias perdidas

HT – Está ligado à Igreja da Ribeira Grande há muitos anos, pode recordar fenómenos religiosos, no concreto romarias, que se tenham perdido?

EP – Perderam-se duas. A primeira, que se realizava no dia 25 de Março, dia da Anunciação do Anjo a Nossa Senhora, Dia Santo de Guarda, conhecida por *visita às casinhas de Nossa Senhora*, e que eram sete: igreja da Matriz, ermidas da Salvação e de Nossa Senhora das Dores, igrejas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Guadalupe (a dos Frades), e, finalmente, ermidas do Vencimento e da Mãe de Deus, esta na Ribeira Seca. Essa *visita* perdeu-se. As pessoas iam em grupo, umas levavam violas, guitarras, farnel e iam por aí adiante parando, durante a tarde, na Ribeira Seca. Todas essas igrejas e ermidas encontravam-se abertas, enfeitadas e iluminadas: era um dia de festa. Começava-se a *visita* na igreja Matriz. A segunda romaria, acontecia na Quinta - Feira Santa. Como não havia cerimónias à noite faziam-se visitas aos Sacrários aqui na Vila. Ao serão as igrejas da Matriz, Conceição e Frades abriam com as Capelas do Santíssimo, com os seus Sacrários fechados, enfeitadas e com azeite a arder. Eram uns jardins autênticos.

Futuro da Igreja: Cristo Salvador

HT – Quanto ao futuro da Igreja, uma instituição com desajustos sobejamente conhecidos, talvez razão para a convocação de novo Concílio, é o caso do aborto, das mulheres sacerdotisas, o Dogma da Infalibilidade Papal, a Teologia da Libertação, os avanços no domínio da Genética, será que ela corre o risco de rebentar em profunda e demorada crise?

EP – Não, não acredito. Creio em Cristo, na sua Palavra, de modo que a Igreja tem sempre a assistência de Jesus. Cristo disse que nenhuma força, demoníaca ou humana, a pode fazer tremer ou desaparecer. Temos a história a provar isso. Acredito profundamente que a Igreja nunca ficará em crise. Ela será sempre uma presença firme do Espírito de Jesus Cristo. Contudo, há notas a registar dos Papas. Cada um tem uma coisa especial para a época: Leão XIII, foi extraordinário nas Enci-

licas, nas organizações sociais, operárias, etc., digamos, foi um Papa para o exterior da Igreja; Pio X, foi um Papa para o interior da Igreja: temos a Catequese, a música sacra; Pio XII, era o homem das Bibliotecas; Pio XII, um diplomata; João XXIII, irrompe com Concílio Vaticano II; Paulo VI dá-lhe continuidade; e João Paulo II, um viajante, o obreiro da viragem a Leste da Europa. Cada Papa tem uma característica oportuna para a vida da Igreja, daí que ela, no futuro, arranjará a adequação própria para a sua perenidade.

Cidadão em prol da terra O Círculo dos Amigos – 1965-1975

HT – Nos últimos cinquenta anos, dois factos iriam revelar-se fundamentais para a Ribeira Grande: por um lado, o aparecimento do *Círculo dos Amigos* [com ressonâncias na actual *Pontilha*], e, por outro, a sua elevação a cidade, no ano de 1981. Quer falar um pouco de como se chegou à criação do *Círculo*?

EP – Na altura, estava no Continente. Pela imprensa de lá lia coisas sobre a existência de Ligas de Amigos. Comecei a entusiasmar-me por que razão a Ribeira Grande não tinha uma. Em 1965, quando vim de férias, juntamente com o Eng.º Fernando Monteiro e o Ezequiel de Melo Moreira da Silva, coloquei-lhes a hipótese de aqui fazermos um *Círculo de Amigos*. Portanto, lancei a ideia. E acabou por ser nós os três os fundadores do *Círculo*. Nasceu no dia 11 de Maio de 1965, com uma conferência no Salão Nobre da Câmara pelo Dr. José Lobo de Oliveira San Bento. Falou sobre a ‘Acção Social da Igreja’. Continuando no Continente, de lá sugeria ideias para cá. Quando regresssei juntei-me à sua actividade. Um Chefe de Redacção do *Correio dos Açores* de então disse que era uma vergonha Ponta Delgada não ter um *Círculo dos Amigos*, porque aqui estávamos a fazer coisas extraordinárias: exposições de arte, de relógios, de mobílias, conferências e cortejos. Em 1968, no *Correio dos Açores*, cheguei a sugerir a criação de um Museu Municipal. Pena que o *Círculo* morre em 1975.

1981: Nova Cidade

HT – Para além de um ideário cultural, o *Círculo* tinha em mente preparar a Ribeira Grande para se tornar cidade?

EP – Não o tinha expressamente, mas as suas realizações indicavam um sentido de criação de um espírito de cidade. Todavia, muitos amigos meus do *Círculo* recusavam-se a aceitar tal ideia, diziam que a Ribeira Grande não tinha condições para tal. Eu retorquia que as cidades não nascem, fazem-se. Não há nenhuma terra que nasce assim, faz-se. Ela já o deveria ter sido em meados do século XIX. Por exemplo, em 1920 um Gerente dos Grandes Armazéns do Chiado de Lisboa, Senhor Modesto Garcia, que casou com uma irmã de minha mãe, quando chegou à Ribeira Grande, cuja ideia foi a instalação de uma Delegação dos Armazéns na Vila, a qual se concretizou, na casa onde actualmente resido, Rua N.ª S.ª da Conceição, tendo sido meu pai o Gerente, exclamou: ‘Por que razão esta terra não é Cidade?’ Ou seja, a Ribeira Grande já cheirava a Cidade.

HT – Podemos afirmar que também

Diálogos

Hermano Teodoro

deu a cara para que tal viesse a acontecer?

SP – Nos anos setenta, no *Jornal Correio dos Açores* batalhei imenso para que a Ribeira Grande fosse cidade. A convite do ex-Presidente de Câmara Artur de Sousa Martins fiz parte da Comissão que viria a delimitar a então área citadina.

HT – Quer lembrar por que razão, em 1981, a freguesia de Santa Bárbara não foi integrada na Cidade?

EP – Deveu-se aos critérios que o representante do Governo Regional apresentou. Mas, nessa altura, lutei bastante, mas sem resultado, para que a freguesia de Santa Bárbara fizesse parte da Cidade. Felicito a sua recente integração.

HT – Do ponto de vista partidário, a quem pertence a ideia ou proposta de elevar a Ribeira Grande a Cidade?

EP – Ao Partido Socialista. Devido a tal facto, o PSD de imediato, *torceu o nariz*. Só mais tarde, em outras circunstâncias, acabou por aprová-la.

HT – A elevação a cidade concretizou-se. Pode relembrar ideias para o desenvolvimento desta terra que, infelizmente, ficaram perdidas?

EP – Hotéis, um Tribunal Central e o Parque da Cidade. Por exemplo, sobre os hotéis afirmava-se que a Ribeira Grande era uma terra de passagem, por isso, não precisava deles. Por outro lado, há muitos anos levantei a questão nos jornais sobre a Via Litoral, quando havia opiniões contrárias. Sempre fui, em primeiro lugar, pela Via Litoral e não pela Variante Sul, isso para dar uma feição de progresso à terra. Contudo, partilho da ideia de que se avance quanto antes com a Via Litoral e com o Politécnico.

HT – Considera que foi um cidadão colado ao poder político?

EP – Posso dizer que o poder político autárquico solicitava-me. Porém, antes do 25 de Abril fiz parte do Conselho Municipal, depois fui membro do Conselho de Ilha. Lembro-me de, a convite da Câmara Municipal da Ribeira Grande, ter sido Orador Oficial para actos públicos ligados ao desporto. Por exemplo, fiz recepções, aqui na Ribeira Grande, às equipas de futebol do *Académica* de Coimbra, *Benfica* e *Sporting*.

HT – Em termos futuros, como perspectiva a Ribeira Grande para o século XXI? Irá recuperar o seu espírito sereno e limpo de quando era, em utilização de expressão do Dr. Carreiro da Costa, uma Vila-Museu? Ou corre o risco de se tornar numa cidade desordenada?

EP – Lembro-me de que se chegou a colocar a Ribeira Grande em paralelo com Évora, cidade-museu. A Ribeira Grande sempre foi distinta na sua maneira de ser, nas suas tradições, na

sua arquitectura e no seu aspecto religioso. Eu penso que os responsáveis pela vida pública na cidade continuarão a ter um espírito cada vez mais aventureiro. Acredito que as novas gerações darão a esta terra maior qualidade de vida, por forma a torná-la uma cidade modelo, uma cidade-museu. Certamente, irão evitar tudo o que é condenável quanto ao Património no seu todo. Essa é que é a minha esperança. Sou um optimista quanto ao futuro da minha terra. Sonho muito com o turismo. As iniciativas para a concretização de um Campo de Golfe e para hotéis, na minha opinião, são formidáveis e outras virão no sentido do progresso.

Simpatias pelo integralismo lusitano

HT – Do mundo da sociedade civil quer realçar alguma personalidade que o tenha marcado em especial? Seja ela político, intelectual, ou outra.

EP – Admirava muito o Rei D. Carlos I. Devo também muito ao António Sardinha, escritor e político, fundador do integralismo lusitano, uma corrente política que abominava os excessos da democracia parlamentar da primeira República e que apostava na recuperação de uma monarquia forte como salvação para o País. O seu escol de homens tiveram uma influência muito grande em mim. E uma pessoa que me marcou bastante, mas como jornalista, foi o meu padrinho Cónego Cristiano de Jesus Borges, falecido em 1943, do jornal *O Norte*.

HT – E para o Estado Novo?

EP – Plínio Salgado, que é brasileiro. Plínio foi um político que esteve exilado em Portugal. Esteve no nosso País durante sete anos, onde escreveu uma *Vida de Jesus*, uma excelente interpretação. Estava eu ainda no Seminário quando lhe escrevi uma carta para Lisboa sugerindo que ele que fez uma vida de Cristo tão bonita, por que razão não o faria sobre a vida de São Pedro, eu que sou um grande devoto seu. Ele respondeu que tinha gostado muito da minha carta e que dera início ao trabalho. Acabou o exílio e regressou ao Brasil, porém, dali a pouco morreu. Confesso, que não sei se chegou a publicar o livro. Outras personalidades me marcaram, tais como, Alfredo Pimenta, na minha paixão pela História, e Domingos Maurício, jesuíta, jornalista e historiador, que chegou a ser Director da Revista *Bro-téria*.

Jornalista de longa data Imprensa, Rádio e Televisão

HT – Sendo o jornalismo uma realidade presente desde a sua infância, recorde o Cónego Cristiano de Jesus Borges, seu padrinho jornalista, em que momento da sua vida vem ao cimo essa sua grande paixão?



EP – Era ainda aluno do Seminário.

Todavia, no Seminário não escrevi para jornais, mas sim criei jornais. Nos últimos quatro anos de Seminário fundei três publicações. Uma que era um jornal diário, o *Diário da Manhã*. Publicava notícias e anedotas. Depois criei um semanário, com mais carácter cultural, chamado *Novidades*, manuscrito. Depois fundei uma revista mensal, a imitar a *Flama*, que se chamava *Alvorada*, ilustrada por Manuel Coelho de Sousa. O grupo de colaboradores era bastante bom, entre eles, José Enes, Artur Cunha de Oliveira, José Dutra, Padre António Rocha, Padre João Botelho Mota e Padre José Moniz. Tinha tanta força que o nosso Professor Manuel Cardoso do Couto, jornalista e orador sacro de fama, levava-a para ser lida pela elite angrense.

HT – Concluído o Seminário que continuação dá ao seu amor pelo jornalismo?

EP – Quando saí do Seminário, durante os anos cinquenta, comecei a escrever para o *Diário dos Açores*, onde fazia a explicação do Evangelho. Sou um estudioso apaixonado da *Bíblia*. Escrevia também uma página desportiva, mas só sobre as selecções nacionais de futebol e de hóquei em patins e jogos da 1.ª Divisão. Fi-lo durante muitos anos. Tive que ouvir muita Rádio e ler jornais, principalmente *A Bola* e o *Mundo Desportivo*, jornais que recebia na Ribeira Grande. Na mesma altura, no *Emissor Regional dos Açores* tive um programa desportivo semanal, 'A Semana Desportiva', bem como um programa religioso durante as principais festas, por exemplo, o Natal, a Páscoa, o Espírito Santo, o Santo Cristo dos Milagres, feito com o Victor Cruz que

lá trabalhava.

HT – Em Lisboa dirigiu um jornal cujo título era a *Voz da Verdade*. Que linha editorial tinha o jornal?

EP – Cheguei a dirigir *A Voz da Verdade* durante seis anos. Era um jornal religioso ecuménico, mas também tinha outras secções, tais como a Cultural e a Infantil, tendo esta última despertado imenso interesse. Recebia cartas de Norte a Sul do País. Enquanto estive no Continente escrevia para *Correio dos Açores*. Fiquei surpreendido com o Manuel Ferreira quando me pedi que fosse o enviado especial do *Correio* aquando da visita do Papa Paulo VI a Fátima, em Maio de 1967. Aqui entrevistei o Bispo de Fátima e um escritor espanhol encarregado de fazer a história de Fátima. Foi um momento de grande emoção. Em 1970, o *Correio dos Açores* mandou-me a Boston para fazer uma reportagem sobre a tomada de posse do Cardeal Humberto Medeiros, onde fiz uma entrevista com ele.

Ideias para a Festa do Senhor

HT – Regressado à Ribeira Grande, qual foi a sua participação na Comunicação Social local e regional?

EP – Depois de vir do Continente, fui correspondente da Ribeira Grande nos jornais *Correio dos Açores* e *A União*, de Angra do Heroísmo, e nas rádios *Clube de Angra* e *Asas do Atlântico*. Também escrevi vários anos no jornal *A Crença*, de Vila Franca do Campo. No *Correio*, cheguei a comentar aos domingos o Evangelho e, fruto do Concílio Vaticano II, coordenei uma página ecuménica com o Pastor protestante Dimas de Almeida. Em setenta, participei durante seis meses num programa matinal diário na *RDP-*

Açores, que tinha a duração de um minuto, onde falava de vários assuntos. Já há alguns anos, colaborei na *RDP-Açores* e *RTP-Açores* como comentador no âmbito das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, tendo, em especial, na Televisão sugerido que a noite de Sábado para o Domingo da Festa fosse realizada na igreja de São José, e que na saída da Imagem do Convento, na tarde de Sábado, e na sua entrada, no mesmo Convento, no Domingo à noite, ela fosse recebida com palmas pela multidão, ideias, felizmente, concretizadas. Actualmente, ainda escrevo para o *Correio dos Açores*, coopero com o *A Estrela Oriental*, e sou colaborador no programa na *RDP-Açores*, 'Manhãs de Sábado'.

Uma civilização à deriva?

HT – Este mundo é um rodopio: estamos num tempo de Globalização, fenómeno, amado por uns, dada a fartura que parece propagar, e odiado por outros, o medo de um mundo sem diferenças identitárias e com clivagens sociais de assustar. Depois de tanto ver, sentir e ajudar, considera que estamos perante uma civilização de sorte ou face a uma civilização que caminha para um *beco sem saída*?

EP – Creio que estamos perante uma civilização de sorte. Acredito no génio humano, quer na sua inteligência, quer no seu equilíbrio, quer na sua vontade de vencer. Não acredito que caminhamos para um *beco sem saída*. Tenho essa esperança.

Administração de Condomínios



Servimovel

Rua do Laureano, nº374 - 9500-319 Ponta Delgada
Telef. Nº 296 38 39 44 - fax nº 296 38 38 35
Telemovel nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

JOSÉ DO COUTO, LDA.

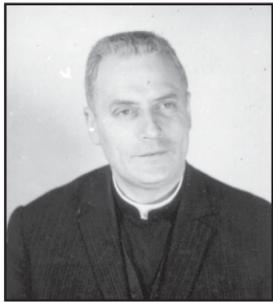
AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA
EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419



Aos Novos V

A Educação



Já a minha IV mensagem aos novos promete a esta V, tendo em mira sempre os mesmos destinatários, os novos e a quem se

apresenta o papel determinante da Igreja em campo tão aliciante, como o da Educação.

A Igreja lança o seu olhar profundo, agindo em causa própria, num completo à vontade, na educação cristã da juventude, seus educadores naturais, os pais e mães de família.

Nunca se deve perder de vista que o sujeito da educação cristã é o homem, o homem todo, espírito unido ao corpo em unidade de natureza, com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais, como no-lo dão a conhecer a recta razão e a Revelação, conforme o que se depreende na magistral Encíclica de Pio XI sobre a educação da juventude.

Foi este pontífice, acercando-se dos jovens e respeitando as suas opções que, enquanto arcebispo de Milão, no norte da Itália, permitiu que dezenas de galhardetes entrassem na catedral e até tomassem posição de destaque.

A educação, na mesma linha de orientação para os pastores da grei lusitana, em nota pastoral colectiva, continua a defender a pessoa, seres livres e responsáveis, conscientes da sua dignidade, dos seus direitos e deveres, equilibradamente, desenvolvidos, capazes de estabelecer relações respeitadas, cooperantes e solidárias com os outros e de se inserirem em comunidades harmoniosas e justas.

«Marcados pelo Espírito», apareceram sempre na Igreja homens extraordinários e cujo perfil se esbate na concretização de todos estes pressupostos.

No patamar das duas ordens religiosas, vocacionadas para educar a Juventude, nos anos de 1682, São João Baptista de la Salle, fundando os Irmãos das Escolas cristãs e São João Bosco, ordenado sacerdote em 1841, fundando os Salesianos, encontramos um jovem, nascido na província francesa da Gasconha, de origem campesina, fadado no dizer de um seu biógrafo para ser no tempo a encarnação da Providência Divina com os pobres e necessitados; a mão visível de Deus, secando suores e enocugando lágrimas, acalmando dores e extirpando misérias. Os conselhos do seu professor Colmet, levaram-no a habilitar-se ao sacerdócio e, apenas com quinze anos de idade, segue para Saragoça a fim de cursar teologia.

Secumbiram-se os novos, crismados e a crismar, do seu texto - confirmados na Fé pelo Espírito - dirigido aos adolescentes de idades dos treze aos dezasseis anos, pois São Vicente aos quinze, procurou encontrar um novo sentido para a sua vida. É um erro, considerarmos os santos com tal infantilidade, voltados de costas à vida que perpassa pelo mundo. São Vicente porém, conheceu bem o mundo, com os poderosos e os fracos, ricos e esfomeados, aqueles possuidores de muitas terras, estes bem carenciados. Mas ainda a maior

habilidade de São Vicente, consistiu em juntar pobres e ricos em toda a sociedade, era e é o lema do homem do Evangelho: juntar e nunca dividir. Aqui me lembro da presença em Angra, pelos anos 50, de D. Alberto Cosme, bispo então de Leiria - Fátima e que dirigiu o retiro ao clero no Seminário, acautelando-nos da prosápia com que na época alguns se intitulavam padres e bispos dos poderes e D. Alberto se interrogava, como poderia aquilo ser, se na paróquia só havia um padre e na diocese um bispo! Não, o padre era dos pobres e ricos e igualmente o bispo participava desta paridade. Importa juntar e nunca dividir. Pois nessa época recuada, São Vicente tinha na mão a chave da incógnita. Fundou uma Sociedade de Leigos, seria o germen de um futuro voluntariado cristão a culminar nos nossos dias com o ano de 2001 - ano do Voluntariado!

São Vicente conheceu os grandes do seu tempo: Luís XIII nomeou-o capelão das galeras reais, relacionando-se assim com M. de gondi, general e comandante dos que serviam, cumprindo pena e até morriam nas galés.

Pertence-lhe a glória da fundação dos seminários em França, para a juventude que se destina ao sacerdócio, como preconizara o Concílio de Trento, encerrado em 3-12-1563.

Os seus missionários correm o mundo e evangelizam entre tantas regiões, a grande ilha de Madagascar, na costa oriental de Moçambique. Aqui se podem encaixar notícias que vieram a lume e sobretudo a atitude humanista do seu presidente Didier, libertando três mil prisioneiros, no ano do Jubileu, por perdão ou amnistia de pena e a pedido da Igreja católica. Que fizeram as nações cristãs, herdeiras da fé que os seus maiores levaram por toda a parte? Os ilhéus de Madagascar não esqueceram o vínculo da fé!

Deve-se a São Vicente a fundação da congregação das Irmãs de caridade que se espalham por todo o mundo e chegam a Portugal. Aproximam-nos em muitos aspectos, morais e culturais, da França, possuímos o santo mais conhecido do mundo - Santo António de Lisboa - a França possui o Santo mais amado, São Vicente de Paulo!

Irmãos das Escolas Cristãs

É a congregação que funda em França, São João Baptista de la Salle que é apresentado assim por um seu biógrafo: "Em 1682, em Reims, França, via-se uma sensacional figura de sacerdote que, sobre a batina com a volta branca à roda do pescoço, trazia a capa dos aldeões de Champagne, com largas mangas e na cabeça usava um chapéu tricórnio e sapatos de homem do povo nos pés". Relacionado com as altas figuras da sociedade, estudante na Sorbona, cônego e filho de juiz, conhecia os grandes e pequenos, oprimidos e ignorantes, era homem corajoso de acção, apresentando reformas de raiz, com novos métodos de ensino, por uma moderna educação. Equivale a dizer que há apenas 300 anos, o problema educativo popular, era ignorado pela maioria dos homens. A vocação para o ensino era uma qualidade inata e começa com uma escola de formadores inteiramente dedicados ao

ensino e à formação de mestres. Nada vale construir escolas sem haver professores, como construir hospitais, sem os médicos que os assegurem. Professores bem preparados e eficazes métodos didácticos, institutos Técnicos, substituindo as matérias clássicas por técnicas, preparando os Jovens para um ofício. E é esta a revolução técnica nos nossos dias, o regresso ao ensino técnico para os que se não sentem vocacionados para o ensino tradicional clássico. E foi acto corajoso para a época, substituir a língua latina em que se ministravam todas as matérias pela língua vernácula em que aprendemos a louvar a Deus e a falar com os homens.

Em Paris, surgiu o Instituto de São Sulpício, apresentado como o eixo e o cadinho da reforma educativa do Santo. É curioso, que o 34.º bispo desta diocese, D. António Augusto de Castro Meireles, que a governou de 1924 a 1929, pensou e realmente recorreu a este Instituto de S. Sulpício, para alguns dos seus membros virem orientar o Seminário, não o conseguindo porém.

Foi D. António Augusto que, aproveitando a cedência de uma casa grande junto ao jardim António Borges, a seu pedido, pelo Sr. Dr. José Jacinto de Andrade Albuquerque que fora seu discípulo em Coimbra, nela funda o colégio Sena Freitas, de instrução primária e secundária. Começou a funcionar em Outubro de 1926 e foi extinto em 1942. Triste coincidência ou ironia do destino, neste ano falecia na cidade do Porto o Sr. D. António Augusto.

Constitui este colégio uma forte e generosa contribuição da diocese para a instrução e educação dos Jovens micaelenses.

São João Bosco - Salesianos Um Santo do Século XIX



É com a idade de 15 anos que começa a frequentar as escolas públicas da terra natal, Becchi, Itália, ficando aos dois anos órfão de pai. A mãe, Margarida, foi a melhor parte do Evangelho, que encaminhou os

filhos para Deus. É ordenado sacerdote em 1841, ficando a chamar-se D. Bosco segundo costume italiano, desempenhando o seu primeiro ministério em prisões e hospitais. Começara pelas bases fracas e sofredoras e causa-lhe impressão a leva de crianças ao abandono, sem o mínimo grau de instrução. Aqui nasceu a ideia dos oratórios que hão-de fazer desses Jovens desamparados, cristãos e homens a valer.

Em 1853 abre o primeiro oratório, chegando a albergar cem Jovens. Está-se na era da revolução industrial e abrem-se as oficinas internas de sapataria, alfaiataria e depois de encadernação, carpintaria e tipografia, constituindo esta enorme teia uma grande família, são os Salesianos, nome proveniente do seu patrono, São Francisco de Sales. Foram o fermento do Evangelho e, caso patético e único na vida dos santos, a mãe de D. Bosco Margarida, deixa aos 58 anos a sua casa e seus netos para tomar conta dos rapazes do filho. De poucos, são hoje perto de 20.000 espalhados pelo mundo.

Estiveram já nos Açores, no orfanato Beato João Baptista Machado em Angra do Heroísmo mas, prevalecendo as directrizes laicas da Segurança Social, tiveram de retirar! Impressionante, que em todo o mundo são bem vindos e respeitados, nós nos Açores fazemos excepção.

Recolhi da Voz Portucalense de 2-2-2000, a notícia que passo a esta mensagem: «D. António José, bispo auxiliar do Porto, presidiu à festa de São João Bosco que decorreu no colégio dos órfãos. Perante uma comunidade numerosa, pôde D. António sublinhar alguns aspectos da personalidade e pedagogia de São João Bosco que ainda permanecem válidos. Esta comunidade com cerca de 800 alunos, uma centena de professores e trinta funcionários administrativos e de apoio, desenvolve a sua acção na educação pré - escolar e nos três ciclos do ensino básico, para além dos agrupamentos de Ciências, Economia, Humanidades dos cursos gerais do ensino secundário e do curso Tecnológico de indústrias gráficas e transformadoras de papel.

Em todo o desenvolvimento desta Mensagem, esforcei-me por demonstrar aos novos, a cooperação eficiente e carinhosa da Igreja na educação da Juventude».

É de um pensador cristão a frase que vai à maneira de epílogo: "A nossa vida é o que nós queremos que seja: nós é que riscamos o nosso destino».

Padre António Rocha

ala boote

Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Ouro do futebol ribeiragrاندense - A minha selecção

Pereira, médio centro



Começo a minha selecção com um jogador para o centro do terreno. Escolhi José de Sousa Pereira. Um *transportador de jogo* excelente na leitura e feitura de jogo. Houvessem bons *pontas de lança* e lá estava o Pereira a fazê-los marcarem golos. É natural da freguesia de Ribeira Seca, Concelho de Ribeira Grande. Hoje, os seus 41 anos ainda não lhe pesam para o futebol. É casado, pai de dois filhos. Foi um futebolista que percorreu Clubes da sua terra mãe e de Ponta Delgada. Não se pode dizer que se tenha agarrado a um Clube e que dele se tenha tornado símbolo. Isso para ele, dada a sua humildade, nunca foi relevante. Fez e faz do futebol uma parte da sua vida. 'Sempre tive personalidade e amor naquilo que fiz e faço', afirma. 'Quando ia para uma equipa o que eu queria era treinar e jogar. Se tivesse de ser de graça seria de graça. Mas reconheço que ao ser compensado financeiramente na maior parte da minha carreira juntei o útil ao agradável. Fiz do futebol uma espécie de *part-time* na minha vida, admito, mas o que tenho hoje não foi conseguido devido à bola'. José de Sousa Pereira, atleta sempre sob os olhos dos seleccionadores, possuidor de modesto palmarés, jogou futebol, intensamente, durante largos anos.

Atlético, Académica e o Ideal

Iniciou a sua vida desportiva no saudoso *Atlético Desportivo de São Pedro*. Tinha 15 anos. O seu primeiro treinador foi o Senhor Aurino Barbosa, actualmente, emigrado no Canadá. Ainda júnior do *Atlético*,

com 17 anos, um fenómeno futebolístico para a época [andava na *boca do mundo*, como refere], foi convidado pelo *Académica* de Coimbra para ingressar nas suas escolas. Recorda que dois jornalistas foram à sua casa. 'Um deles tinha autorização do *Académica* para chegar a um acordo comigo', relembra Pereira. Parece que os *Estudantes* mandaram observá-lo. 'Viram-me num jogo contra o *União Sportiva* em Ponta Delgada, em que ganhámos por 4-1, tendo eu marcado 2 golos. Foi um jogo inesquecível. Num outro encontro, mas com o *Santa Clara*, apesar de termos perdido por 6-2, fizemos um grande jogo. Vieram à minha casa. Minha mãe reagiu mal a essa situação devido à minha idade. Se se chegasse a um acordo, durante o primeiro ano na cidade de Coimbra teria estadia, alimentação e estudos de graça e ganharia 10 contos por mês. Seria um ano para adaptação. No segundo ano, se tudo corresse bem, celebraria um outro contrato'. Ficou triste, já que a oportunidade era de ouro. 'Tinha muito gosto em ir. Com toda a certeza que vingaria, porque tinha qualidades. Mas tive que respeitar a vontade dos meus pais. Se fosse nos dias que correm, talvez tivesse sido diferente. Hoje, se uma pessoa for inteligente o futebol é uma vida. Pode apanhar um futuro bastante risonho'. Jogou 4 anos no *Atlético*, transferindo-se, em seguida, para o *Sporting Clube Ideal* (1979), tendo aqui jogado, entretanto, uma época. Quando ingressa no *Ideal* começa a auferir benesses monetárias. É da

geração dos jogadores que ajudaram a propagar essa grande reviravolta no futebol micaelense, cuja polémica ainda hoje se mantém: o amor à camisola *versus* jogador a dinheiro. E as suas consequências estão bem à vista, mormente quando as massas associativas não se revêem nos seus clubes. Os campos de futebol dos campeonatos de Ilha encontram-se sempre pelados de adeptos. 'Quando fui para o *Ideal* é que se começou a ouvir falar de jogadores pagos', recorda José Pereira. Ainda antes de ingressar no Clube ribeiragrاندense, o *Santa Clara* ofereceu-lhe uma viagem aos EUA e Canadá e um emprego em Ponta Delgada. Até mesmo a carta de condução. Porém, o *Ideal* ofereceu-lhe um bom valor, à cabeça, por uma época. 'Tivemos uma grande equipa, onde se incluíam o Manuel Rita [o seu grande ídolo do futebol da Ribeira Grande] e o Figueiras. Os Directores eram o Fernando Anselmo, o Humberto Esgalha, o José Bispo e o Carlos Pinto. Poucos jogadores ganhavam. Todos os outros concordaram com a situação. O objectivo da Direcção era fazer-se uma grande equipa'. E fizeram!

Oliveirenses, Águia e Santa Clara

Com 20 anos torna-se jogador do Clube *Desportivo Oliveirenses*, Fajã de Cima, Ponta Delgada, para a época de 1980-81. Foi o primeiro ano em que equipa da Fajã de Cima subiu ao antigo Campeonato da III Divisão, Série E. Fez duas temporadas no *Oliveirenses* como jogador semi-profissional, auferindo um rendimento mensal razoável, lembra. Porém, nunca deixou de exercer a profissão de agricultor, da qual muito se orgulha, talvez, a origem do seu espírito fresco, honesto e de um humor salutar. 'Treinava cinco dias seguidos e nunca deixei de ir para o campo. Eu tinha uma força física boa. Só as pré-épocas é que eram mais exigentes na preparação física. Na terra, muitas vezes, os pés nem queriam levantar'. Fazia sempre o seu dia normal de trabalho. Nunca falhava aos treinos. Foram treinadores do então *Oliveirenses* o Jaime Graça e o Mário Nunes, este de boa memória. Foi um treinador que o marcou: 'Muito táctico, muito inteligente em fazer uma substituição. Procurava os pontos fracos do adversário', recorda. Após o *Oliveirenses*

regressa ao *Ideal* (temporada de 1982-83). Logo em seguida, torna-se jogador do glorioso *Benfica Águia Sport Clube*, durante o único ano que este militou na III Divisão: 1983-1984. No mundo futebolístico, para além das vitórias, criam-se amizades. Enquanto jogador do *Águia* relembra o facto de ter sido amigo do já falecido Marinho (Mário Jorge de Sousa Almeida), da freguesia da Ribeirinha. Júlio Amador, o treinador desse *Águia* terceiro divisionário, está bem presente nas boas recordações de Pereira. Em seguida, ingressa no *Santa Clara*, no mesmo campeonato, aí jogando duas épocas: 1984-85 e 1985-86. O futebol da III Divisão era exigente. Dos objectivos desportivos José Pereira rememora que: 'O *Oliveirenses*, no primeiro ano era para manter; no segundo para subir de divisão; o *Santa Clara* era sempre uma equipa que lutava para subir; por fim, o *Benfica Águia* tinha por meta a manutenção'. 'Nesses campeonatos [diz Pereira] existiam equipas com muita ambição. O objectivo era sempre o de se atingir o meio da tabela para cima. Havia programa de disciplina: tudo o que o jogador fizesse que prejudicasse a equipa seria penalizado'.

Sobressaltos na carreira

Dois sobressaltos haviam de lhe surgir enquanto atleta nas equipas de Ponta Delgada: um de carácter físico e outro de âmbito contratual. O primeiro, foi uma ruptura de ligamentos no joelho direito, no primeiro ano de jogador no *Oliveirenses*, ficando cinco meses inactivo. Pereira elogia a honestidade da Direcção do *Oliveirenses* quando cumpriu com todos os seus compromissos para com ele. O segundo, ocorreu enquanto jogador *santaclarenses*. José Pereira sempre se deu bem no *Santa Clara*. Na época de 85/86, na ponta final do campeonato, magoou-se num pé. Apesar de tal desaire os Directores do *Santa Clara* disseram-lhe que contavam com ele na temporada seguinte. Entretanto, o Fernando Anselmo, do *Sporting Clube Ideal*, procurou-o porque a equipa precisava de um *patrão*. 'Na altura o *Ideal* oferecia-me uma compensação monetária igual à do *Santa Clara* e com a vantagem do Clube exigir dos jogadores menos treinos. Decidi ficar no *Santa Clara*, já que

era uma equipa de classe superior, disputando uma prova com características bem diferentes do regional. Nesse espaço de tempo, o novo treinador do *Santa Clara*, o Jaime Medeiros, fez a sua lista de jogadores onde, para meu espanto, eu não constava. Resultado: nem fiquei no *Santa Clara* nem no *Ideal*; fiquei no desemprego. Sabendo disso, muitas equipas procuraram-me. Desiludido, tive alturas em que preferia deixar de jogar futebol. Depois das ideias mais esclarecidas, sendo eu um jovem que não queria desperdiçar a sua garra, optei por ir para o *Ideal*, apesar de consciente do quanto saiu monetariamente prejudicado de toda essa situação'. No presente, ainda se sente ofendido com o *Santa Clara*. Situação revoltante para um atleta e homem íntegros.

Ideal, Desportivo de Rabo de Peixe e Pontilha

No *Ideal* permanecerá entre os anos de 1986 e 1990. Foi campeão da 1.ª Divisão de São Miguel, na época de 87-88, com o treinador Paulo Jorge, muito bom, afirma José Pereira, 'em métodos de treino, o que fazia a equipa encaixar numa determinada imposição'. Na de 88-89, sob o comando de Abílio Batista, um 'bom líder', é novamente campeão de São Miguel e, na enfiada, campeão dos Açores. Finalmente, termina a sua carreira de futebolista no *Desportivo de Rabo de Peixe*: 1990-91 e 1991-92. Convidado por Luís Tabica, Pereira, em conjunto com Jorge Marroco, José Henriques e Carlos Buraca, haviam de dar grande fôlego à classificação do *Desportivo* no então campeonato de futebol da 2.ª Divisão da Ilha de São Miguel. Contudo, ainda hoje, não perdeu o gostinho pela bola. Continua a jogar futebol, mas de Cinco. A sua equipa pertence à *Associação Cultural A Pontilha*, organismo que muito tem dado à cultura no Concelho de Ribeira Grande. No Verão ano de 1995, a fazer justiça às suas qualidades, foi considerado o melhor jogador, entre mais de cem, num torneio organizado no Rosário, Concelho de Lagoa.

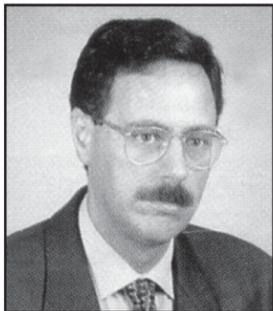
Hermano Teodoro

Clubes de uma carreira recheada



Administração regional e a administração local

Novo regime de colaboração



No passado mês de Junho a Assembleia Legislativa Regional dos Açores aprovou um Decreto Legislativo Regional sobre o "Regime de Cooperação Técnico e

Financeira entre a Administração Regional e a Administração Local", que revogou o regime até agora estabelecido pelo Decreto Legislativo Regional n.º 6/95/A, de 28 de Abril.

Este diploma vem enquadrado num dos objectivos programáticos do VIII Governo Regional dos Açores que visa o estabelecimento de uma relação cooperativa com a administração local.

No respeito pelas atribuições e competências próprias, o Governo, no sentido de permitir uma resposta mais célere aos problemas com que se debatem as autarquias apresentou este novo regime de colaboração entre a administração regional e a administração local. A operacionalização das grandes linhas de orientação estratégica e dos objectivos que presidem ao PRODESA (Programa Operacional para Desenvolvimento Económico e Social dos Açores) e mormente quanto ao respectivo eixo 4 – "Apoiar o desenvolvimento local do potencial endógeno" – determinou a necessidade de criar um regime que alargue o âmbito da cooperação financeira indirecta incluindo investimentos nas áreas do ensino, da cultura, do desporto e do lazer.

Com este diploma reforçou-se o regime de da cooperação financeira directa em áreas onde os investimentos da responsabilidade dos municípios adquirem particular relevo e dimensão regionais, em que também se inclui a educação, designadamente no que concerne aos estabelecimentos de ensino propriedade dos municípios.

Dada a importância das freguesias no contexto

do poder autárquico local e a sua proximidade aos cidadãos, o novo decreto, vem clarificar e ampliar o regime de cooperação técnica e financeira precisando o seu alcance e procedimentos.

A cooperação técnico-financeira pode-se concretizar nas seguintes modalidades:

- Cooperação, em sentido restrito, da Administração Regional na realização de investimentos do âmbito das competências das autarquias locais;

- Colaboração das autarquias locais na realização de investimentos do âmbito da Administração Regional;

- Coordenação das actuações da Administração Regional e das autarquias locais na realização de investimentos integrados respeitantes conjuntamente às competências da administração regional e das autarquias locais.

No que respeita aos municípios os processos de cooperação, colaboração ou coordenação técnico-financeira formalizam-se através de contratos de desenvolvimento entre a administração regional e a administração local, abreviadamente designados por contratos ARAAL.

Relativamente às Juntas de Freguesia a realização de projectos em cooperação, colaboração ou coordenação técnico-financeira pode-se concretizar por simples acordos entre os departamentos regionais competentes em função da matéria e aquelas entidades autárquicas, não havendo que observar o formalismo da celebração do contrato ARAAL, só assim não sucedendo se os investimentos a realizar respeitarem a competências nas mesmas delegadas pelo respectivo município.

A cooperação financeira assume as formas de participação indirecta e directa.

Participação Indirecta é feita através do pagamento pelo Governo Regional de parte dos juros respeitantes aos empréstimos contraídos para investimentos nas seguintes áreas: ordenamento municipal do território, incluindo a elaboração dos planos respectivos; saneamento básico, compreendendo sistemas

de captação, adução, armazenagem e distribuição de água e sistemas de águas residuais e pluviais, bem como sistemas de recolha, transporte e tratamento de resíduos sólidos; infra-estruturas municipais de transporte, designadamente no que toca à construção e reparação da rede viária municipal, incluindo o respectivo equipamento e obras de arte; grande reparação de edifícios escolares propriedade dos municípios e investimentos nas áreas do turismo, cultura e desporto.

A participação será directa nos investimentos relacionados com: elaboração de planos de pormenor de vilas ou cidades que sejam sede de concelho; grande reparação de edifícios escolares propriedade dos municípios, conforme especificações feitas no artigo 13.º do diploma; empreendimentos no âmbito da actividade desportiva, nos casos e termos previstos no artigo 14.º e empreendimentos relacionados com a construção, reconstrução ou grandes reparações de edifícios sedes de juntas de freguesia.

Relativamente à cooperação financeira indirecta materializada pela bonificação dos juros resultantes de empréstimos contraídos pelos municípios, suportados pela Direcção Regional de Organização e Administração Pública (DROAP) de 1997 a Maio de 2002, foram contratualizados 78 projectos, num valor total de investimento de 44.891.810, 73 euros (9 milhões de contos) a que correspondem empréstimos no valor 9.975.957,94 euros (2 milhões de contos), bonificados os respectivos juros com encargos anuais da ordem dos 274.338,84 euros (55 mil contos), por um período de 8 anos. Este apoio tem facilitado a capacidade de financiamento das câmaras municipais na percentagem não participada pelos fundos comunitários.

Ao abrigo da cooperação financeira directa as freguesias foram apoiadas na aquisição de mobiliário e equipamentos, construção e reparação de edifícios sede em 1.995.191,59 euros, nos anos 1997 a 2002, o equivalente a 400 mil contos.

O apoio às Autarquias suportado pelo Plano da Região abrange diversos departamentos do Governo Regional, consubstanciado, num apoio financeiro de 34.915.852,79 euros (7 milhões de contos) que representam de 1997 a 2002, 58% de um total de 12 milhões de contos de investimento da responsabilidade das câmaras municipais.

Com o novo diploma clarificam-se e precisam-se os critérios a aplicar na cooperação financeira, reforçam-se as linhas de orientação existentes, tendo em conta a experiência colhida com a aplicação dos sistemas de apoio definidos e a validade dos resultados alcançados. No que se refere aos contratos de colaboração, precisa-se o seu âmbito de aplicação, que tem por objectivo não apenas a realização de investimentos mas também de outras despesas públicas.

Com o novo diploma chama-se à responsabilidade do exercício das suas obrigações legais os Municípios, em matéria de conservação corrente dos estabelecimentos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no culminar de um processo de investimento ambicioso de recuperação do parque escolar, que alguns não souberam aproveitar.

Na Assembleia Legislativa Regional a proposta de diploma sofreu alterações que visaram eliminar a inconstitucionalidade possível de alguns dos seus artigos, assim das mais relevantes salienta-se a explicitação das funções da comissão de acompanhamento que integra representantes da administração regional autónoma e da Associação de Municípios da Região Autónoma dos Açores e a eliminação do artigo que impossibilitava de serem aceites candidaturas de projectos às acções financiadas no quadro comunitário de apoio.

A aprovação desta Lei consubstancia-se num contributo importante para o reforço da cooperação técnica e financeira entre a administração regional e a administração local.

Ribeira Grande, 1 de Julho de 2002.

José de Sousa Rego

visite-nos

Chá Porto Formoso

Jardins Panorâmicos
Fábrica de Chá
Espaço Museológico
Sala de Chá e Loja
Horário: das 10 às 18H
de Segunda a Sábado

FESTIVAL MOINHOS 2002

POP Del ART (Portugal)
REGGAE (Londres)
KIDS OF THE METAL (Lisboa)
CHAMÃ (S.Miguel)
HANGOVER (S.Miguel)
DJ de Londres / DJ de Lisboa

Visite-nos e divirta-se!

Organização: KAIRÓS _ Organizações Periféricas e Café PUB "O MOINHO"

Patrocínio: Câmara Municipal de Ribeira Grande, Junta de Freguesia do Porto Formoso, Café PUB O Moinho

**Dias 3 e 4 de Agosto
na Praia dos Moinhos**

Nortadas

nortadas@mail.pt

Tugas & portugues!

Quando toca a 'caroço', o Estado, seja ele qual for, jamaicano, português ou conchinchino, há-de fazer-se sempre forte com os fracos e fraco com os fortes. Os nossos fortes *tugas*, em vigília de jogo decisivo do Mundial da Coreia/Japão, pelo que circula insistentemente nos *mentideros* do *coice*, terão intentado *chuchar* 'cerejas' evitando roer o 'caroço'. Será permitido ao fraco *portuga*, a maioria de nós, em próxima obrigação fiscal, IRS, IVA, IRC, etc., e demais alfarrobas públicas, alegar a modalidade *tuga*?

Orla Marítima

Um infalível 'poçeiro', nosso indefectível leitor, inquiriu desconsolado junto da nossa redacção do porquê do encerramento de tão celebrada bodega. Haverá alguém que sossegue este nosso leitor? Há quem jure a pés juntos que se terá transferido para o Areal de Santa Bárbara.

O "aterro" da piscina

Foi, recentemente, a *aterrar*, em cerimónia discreta, a piscina Municipal. A desditosa completaria, em breve, trinta sinuosos anos de idade. Muitos aguardam, com indisfarçada ansiedade, a sua próxima reincarnação, que ocorrerá, segundo os responsáveis, 'o mais cedo possível' no *complexo balneario das 'poças'*.

Cidadanias

Não restam dúvidas, a exposição de Tomás Borba Vieira, a cargo da *Pontilha*, as Comédias de São Pedro, a cargo da Casa de Cultura, da Junta de Freguesia de São Pedro, da *Pontilha* e do *Amphi Teatrum*, mais as conferências de Ferreira Moreno e do Dr. Mota Amaral, constituíram os pontos mais altos das Festas da Cidade 2002. Porquê? Aliaram de modo eficaz o passado e o futuro. Assim se constrói a Cidade. Parabéns.

Penhoradamente

Dão-se alvissaras a quem adivinhar o nome de um ex-responsável Regional, que não perdia nem perde baptismo, enterro, aterro, casamento, divórcio, procissão ou outra circunstância pública, responsável, entre outras pérolas, por tão eloquentes dislates: 'Recuperar a Caldeira Velha? Seria um erro fatal. O local não passa de um facinoroso covil de deboche e de perdição!;' ou; 'Hotéis na Ribeira Grande? A Ribeira Grande é um local de passagem!' A Ribeira Grande agradece penhoradamente.

Chã das Freiras, ou do Cascalho Outrora conhecido por Monte do Trigo, ainda conhecido por Pico

das Freiras, mas já referido por Monte do Cascalho, e a breve trecho, a continuar o corrúpio industrial, a ser conhecido por Chã das Freiras ou do Cascalho. As mais altas instâncias oficiais locais e regionais, na sua intangível e alta ciência, não vêem nele qualquer valor geológico, nenhum valor histórico e nulo valor paisagístico, apenas e tão-só, valor industrial. Muito provavelmente ainda estaremos a tempo de incluir no PDM esta nova dádiva da Região prodigalizada à nossa terra. Ela não nos deu o Hotel-Escola, não nos deu a sede do Consórcio Geotérmico, não nos deu as quatro faixas, etc., mas deu-nos o nome de Cidade, deu-nos exangue e falido o Parque Industrial de São Miguel, aliviou-nos o Areal de Santa Bárbara, espatifou-nos a água potável, etc., e agora dá-nos a Chã das Freiras ou do Cascalho. Penhoradamente a Ribeira Grande agradece.

O Carmo e a Trindade

Mais uns furos nas Centrais e mais uma Central, mais uma mini-hídrica, anunciava singelamente orgulhoso o Presidente da EDA e, supomos, do Consórcio Geotérmico. Fazendo contas de cabeça, tal corresponderá a mais da metade da energia eléctrica produzida na ilha do Arcaño São Miguel. Porém, a sede do Consórcio está onde mais se consome e não onde mais se produz. Imaginemos que a sede da Associação Agrícola dos Açores, pela mesma lógica, estava sediada no local onde mais se consome carne e produtos lácteos açorianos: Lisboa. Não cairia, neste caso, o Carmo e a Trindade?

Suplemento de Desporto

Tem constituído um inegável êxito o Suplemento de Desporto, que continuará após as férias. Tenham Santa Paciência!

Nado e Criado

O jornal *Expresso*, propriedade do magnata Balsemão, no suplemento de Economia de 27 de Junho, informa que Álvaro Cordeiro Dâmaso, filho do saudoso Virgílio Amaral Dâmaso, ex-competente gestor público Regional, hoje eminente e bem sucedido gestor privado Nacional, foi nado e criado em Ponta Delgada. E, se assim o escreveu, assim deve ser, pois, o mero facto de Álvaro ter vindo ao mundo na casa n.º 39, da rua de Sousa e Silva, da Freguesia Ribeira Grande-Matriz, e de, no seu jeito, o ter sussurrado '*urbi at orbi*' em sensaborona campanha eleitoral, no largo Dr. Gaspar Frutuoso, se não erra a memória a de 1995, a dois passos do seu berço natal, não o fará ribeiragrândense. Ou fará?

Expresso das 9

Neste semanário, pela pena do seu Director, terá sido publicada a melhor análise conhecida ao edificante e ao podre da vintena amaralista. Outra coisa não seria de esperar. Muito obrigado.

Amanhados

Nas 'ilhas, ditas, de baixo', os micalenses são conhecidos por 'coriscos mal amanhãados.' Se calhar, nada haverá de mais verdadeiro. Alguns amargurados indígenas bem pensantes da 'nossa praça', há pouco, queixavam-se de os seus patrícios serem 'muito mal amanhãados.' O que será verdade. Que dizer, então, dos 'muitíssimo mal amanhãados' micalenses da Ribeira Grande?

Coro alto da Matriz: do Arcano

No número 161, do Boletim Paroquial da igreja de Nossa Senhora da Estrela, da Cidade de Ribeira Grande, dá-se conta que a Secretaria do Turismo, pasme-se!, sem dar 'cavaco', negou qualquer apoio ao restauro do sobrado do coro alto, lado do Santíssimo, onde desde o século XIX está instalado o tão celebrado, quanto desprezado, Arcano Místico. Sucede que o Arcano Místico só não continua a ser a obra de arte mais visitada de todo o arquipélago, porque as hordas de turistas, que à borla ali acorriam, da alçada daquela Secretaria Regional, a deixaram no estado lastimoso em que hoje se encontra. Haja moral!

Relógio pontual

Apesar de já não repetir a hora, algo que o distinguia dos demais do arquipélago, algo que motivou a feliz expressão: 'não sou como o relógio da Ribeira Grande, que bate duas vezes a hora'. Não obstante tão irrelevante detalhe, a nossa alma vibrou ao ouvir madrugada dentro, ainda que *fugazmente*, de novo o bater do nosso relógio. Que assim se mantenha por 'muitos anos' e parabéns aos responsáveis.

Fontanários vandalizados

Quem não respeita a herança de todos não respeita a sua. Isso a respeito do brutal desrespeito de numerosos fontanários da Cidade. Bastaria que tivessem orgulho no orgulho e na alegria com que pais e avós acolheram a sua construção.

Chafariz do Rosário

Creemos que se deveu ao risco do saudoso Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos e à perícia, se não erra a memória dos que nos informaram, de Mestre João China. Porém, vive atulhado de carros e invadido por malhas de ervas e lixo de toda a espécie.

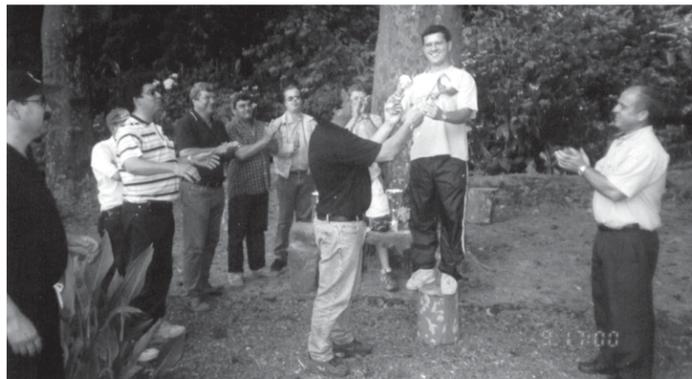
Destaque

Casa do Povo de Ribeira Grande aposta na formação profissional

No passado dia 20 de Junho, a Casa do Povo de Ribeira Grande, uma vez mais a fazer valer o seu persistente esforço na formação profissional, na presença do Director Regional da Juventude, Dr. Rui Betencourt, e da Direcção da EPROSEC (Escola Profissional do Sindicato de Escritórios e Comércio de São Miguel, Ponta Delgada), no Auditório do Centro Cultural de Ribeira Grande, fez a entrega de certificados aos formandos dos cursos de Windows 2000 Professional Internet, Microsoft Word 2000, Excel 2000 e do Curso Integrado em Secretariado. As iniciativas da Casa do Povo são de louvar. Actualmente, para além de outros objectivos, está a ser ministrado um curso diurno de Técnicos Auxiliares de Educação, cuja duração é de 3 anos, projecto feito em parceria com a EPROSEC. *A Estrela Oriental* faz relevar o trabalho do seu Presidente de Direcção, Albano Garcia.



Amigos do Jogo O Prognóstico



Trata-se de um jogo feito entre um grupo de amigos ribeiragrândenses, entre eles, o Deodato Leite, Mário Miguel, Duarte Moreira, José Albano e Fernando Tavares, o qual tem por objectivo, em paralelo com um *sã* convívio, prognosticar os resultados de cada jornada da I Liga do Futebol português. Cada jogador vai acumulando pontuação [o erro dá penalização] durante a temporada futebolística. Porém, em cada jornada os concorrentes terão de entregar certa verba, com vista a fazer face às despesas dos convívios que vão realizando, tais como churrascos, festas e jantares, bem como para a aquisição de troféus, para os quatro melhores classificados, e medalhas para todos os participantes. No final de cada época futebolística os amigos do *Prognóstico*, num encontro, que dura um dia, fazem um *comes e bebes* [este ano foi nas Furnas], onde premeiam os vencedores e dão largas ao seu bom convívio.



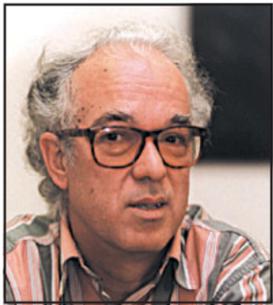
21 anos de Cidade: Moda Ribeira Grande 2002

De realçar a ideia pela sua originalidade. Foi um misto de desfile de moda, o que proporcionou às casas comerciais presentes mostrar os seus bons produtos, e de espectáculo, desde o ilusionismo, Comédia de São Pedro [tradição reatada pela Câmara Municipal de Ribeira Grande], música popular e poesia. O Teatro Ribeiragrândense encontrava-se a rebentar pelas costuras. Alguém houve que desejou que se repetisse o Espectáculo. De lembrar que as casas comerciais de Ribeira Grande têm muita qualidade. Iniciativa a repetir.



Crónica Mal-Humorada

Como os pepineiros



Tive uma vizinha em Santana, em Santa Maria, que substituí a perfeição o toque das Trindades, que nunca se ouvia na pequena ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem, onde só era celebrada missa quando o rei fazia anos. Santana, tal como a Maia, foram criadas com a intenção de se fazer delas uma vila e, se a Maia onde nasci conseguiu chegar a freguesia, aquele simpático lugarejo onde vivi nove anos nem a isso subiu. Mas sobra-lhes em dimensão humana o que lhes falta em orgulho administrativo. Em caíndo a tarde e pondo-se o Sol lá para os lados da Cagarra, essa vizinha subia para o seu palco que era um muro em frente da casa e chamava pelo filho com uma garganta de fazer inveja à Maria Callas. O nome do rapaz ecoava pelo menos até à mata de

Monserrate e aos outeiros do Paul e dos Anjos. A mãe preparava o arranque da tónica final com um crescendo perfeito em "Ó José Manu...", e mantinha o "e" durante coisa de uma meia dúzia de semibreves, morrendo-lhe o chamamento no "l" que era dito para si mesma num descargo de consciência de dever cumprido. Pela entoação, que brilhantemente variava conforme as circunstâncias, percebia-se se iria haver sessão de maternal correcção ou se se tratava apenas do normal toque a reunir da família, que nesse tempo era obrigatório antes de anoitecer.

Os jornais fazem muito menos barulho mas chegam muitíssimo mais longe. Por isso é preciso ter cuidado com eles como quem manuseia um perfume raro ou um veneno poderoso, embora se diga que ler jornais é saber mais sem especificar quais nem de que tipo. Há os que são uma coisa e outra, e há os que se especializaram em destilar veneno. E como quem os lê pensa sempre que só os outros é que podem morrer envenenados, são estes os de êxito mais garantido. Os leitores precisavam da imunidade dos antigos tipógrafos, que eram capazes de se reformar sem ter alcançado um único grama a mais no peso da sua sabedoria, por mais Anteros ou Eças que lhes passassem diante dos olhos.

Não é por saudosismo, mas um jornal, nesses tempos, era um espaço privilegiado de cultura e de convívio. Ali apareciam figuras curiosíssimas, como no velho "Açores", onde à volta do fumo incessante do cigarro do Manuel Jacinto de Andrade volteavam várias versões de intelectual completo ou a tentar completar-se. Um destes, já com idade de saber fazer versos ou então de os não fazer, andava com o dicionário de rimas do Teófilo Braga debaixo do braço, sempre pronto a compor um soneto a propósito de tudo e de nada. No entanto, foi a mim que coube a ingrata missão de escrever uns versos para uma visita do Senhor Bispo a uma paróquia dos arredores de Ponta Delgada, por insistência do seu pároco, uma excelente pessoa e bom amigo que felizmente, apesar disso, ainda conservo. Foi o Manuel Jacinto quem o convenceu de que eu era a vítima ideal... Informou-me o bondoso pastor de que o Senhor Bispo tinha gostado muito, e foi então que desconfiei de que Sua Excelência Reverendíssima ouvia mal.

Os vários jornais que havia nesse tempo transformaram-se em muitos. Como os pepinos os pepineiros, que produzem de tal maneira que o Infante D. Henrique, de visita a um homem da sua confiança no Algarve, e vendo-o rodeado de filharada, que dificilmente podia sustentar, observou que ele era um "columbreiro", pois assim, ou de modo semelhante (cogumbreiro) se dizia pepineiro. E daí veio o apelido que tão bem conhecemos na nossa ilha.

A um saudoso amigo que se mostrava admirado pela abundância de jornais nos Açores, o que não parecia corresponder à realidade da nossa cultura, expliquei que isto era como as famílias: quanto mais pobres mais filhos. E mantenho o que disse, embora eu talvez nem mereça o rendimento mínimo.

Daniel de Sá

Os quês e os porquês

De suores e mormaceiras (ponte@aer.com)



Outro dia estava eu sentado na varanda, sem mexer comigo nem com nada, quando dei por mim todo a rever. Sim, a transpirar, a suar por todos os poros. O ar não mexia uma palha. O céu estava que nem leite, esbranquiçado. Uma humidade espessa coava a luz do sol e não me deixava abrir bem os olhos. O sol parecia estar em todo o lado e em lado nenhum. Só lhe sentia o bafo húmido. E um calor pegajoso teimava em colar-se à pele, abafadiço.

Nada mais irritante que suar sem fazer nada por isso. Quanto mais eu destilava, mais bufava contra aquela

agonia de tempo. O que me fez pensar na razão do suadouro. Suar é próprio dos homens. E das mulheres. E de umas poucas alimárias, parentes nossos. Suamos todos por uma razão simples. Quando estamos esbaforidos de calor, precisamos de arrefecer. Ora, o suor é quase só água. Para evaporar tal preciosidade, é necessária uma quantidade apreciável de calor. É ao corpo que o suor vai buscar esse calor para ir à vida.

A suadela funciona pois como uma espécie de ar condicionado. Quando a temperatura do corpo assim o pede, as glândulas sudoríferas começam a produzir o aquoso líquido, e a sua evaporação leva ao arrefecimento do corpo. Brilhante, esse sistema de refrigeração, pensava eu lavado em suor. Mas, naquela tarde abafada, estava-se mesmo a ver que a suadela de pouco me servia. Suor a regar-me a testa era suor que não cumprira as suas funções. Que é como quem diz, será que tinha o meu ar condicionado avariado?

Não tive de resumir muito mais para dar com a avaria. Era tudo por causa daquela maldita humidade. Aquele ar abafado e húmido estava muito provavelmente saturado de vapor de água. Logo, o meu rico suor não tinha como desaparecer. Em vez de se evaporar, rolava-me pelo sobrolho. Só me encharcava a camisa e moía a paciência. Devia ser por isso que o mormaço era tão difícil de suportar. Quanto mais humidade no ar, menos eficiente é a transpiração como sistema de refrigeração.

Desisti de ruminar mais no assunto. No abandono total que era a minha existência naquela tarde mormacenta, só sentia o suor, persistente, a brotar-me das entranhas. Ainda pensei em passar o lenço pela testa, mas para quê? Mais valia deixar tudo como estava. Podia ser que alguma gota se evaporasse e o seu destino se cumprisse. Não tardou muito até sentir a boca secar-me por dentro. Pois é, o suor brota, a água mirra, a sede nasce. Ainda a máquina gripa, pensei. Levantei-me, resignado, e fui beber um copo de água.

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte

Contraste +

O fotógrafo



Acto de cidadania

Contraste -

O fotógrafo



Acto de selvajaria



Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Editorial



Chegamos a Agosto, o mês mais quente do ano! E as férias continuam...! A praia é o local mais

frequentado e desejado ... só apetece passear, viajar e conhecer ambientes diferentes. A propósito, aproveita o dia 15 de Agosto para passeares com a tua família no campo, ou visitares as Caldeiras da Ribeira Grande, onde se realiza, habitualmente, a tradicional festa de Nossa Senhora da Saúde. Se optares por fazer um piquenique no campo, presta atenção aos nossos conselhos! Até breve, diverte-te!



Amanhecer

Sinto o gosto a café
Que tomei ao acordar
E sinto-me cheia de fé
Para continuar a rimar.

A pena da gaivota
Que flutua no ar
E a passagem remota
Do cheiro do mar.

Árvores frondosas
Com infinitos chilreares
Lindas flores amorosas
E pardais pelos ares.

Rita Botelho Melo Rodrigues
12 anos



CUIDADOS QUE DEVES TER QUANDO FORES PASSEAR NO CAMPO OU ACAMPAR:

- Respeitar a natureza e os seres vivos;
- Não destruir plantas nem flores;
- Não fazer fogueiras, e, se as fizeres, ter o cuidado de apagá-las muito bem;
- Não deitar lixo para o chão;
- Colocar o lixo nos recipientes, se os houver, se não colocá-lo em sacos e depositá-lo no contentor mais próximo;

NÃO TE ESQUEÇAS QUE:

- Poderás reutilizar muitos materiais recicláveis para fazeres objectos úteis e originais para o teu quarto ou para ofereceres aos teus amigos. Por exemplo: fantoches, porta lápis, objectos decorativos, brinquedos entre outros. DÁ ASAS À TUA IMAGINAÇÃO E CONTRIBUI PARA QUE O MUNDO SEJA MAIS LIMPO!

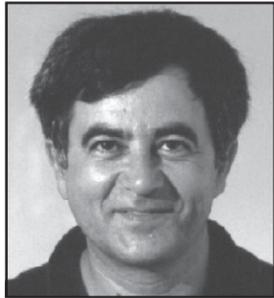
Se fizeres algo original com materiais recicláveis fotografa-os e envia-nos a fotografia para O Fuseirinho, Apartado 6, 9600 Ribeira Grande.



PASSATEMPO

Completa com palavras relacionadas com as Férias tendo em conta os desenhos.

UMA TERRA LIMPA, COM GENTE ASSEADA



O Aumento do consumo provocou um acréscimo de coisas inúteis e a maioria da sociedade não foi educada para saber dar destino às coisas que aparentemente não servem para nada.

De cada vez que se vai às compras, cada produto tem uma embalagem própria, um plástico ou celofane que o envolve para o isolar do exterior e evitar a sua degradação, mais uma embalagem de cartão para evitar que se amache, mais um invólucro com toda a informação necessária e imagens apelativas para induzir à compra. No final tudo isto ainda poderá ser embrulhado num papel festivo de oferta, com a inevitável cola e as coloridas fitinhas e para transportar tudo isto o (in)dispensável saco de plástico!

Ora, fazendo contas, cada cidadão deita para o lixo, em cada dia, 1 quilo de resíduos sólidos urbanos (RSU), em média. Em certos Concelhos essa média sobe para o dobro, como é o caso do nosso ... Se temos cerca de 30 mil habitantes, são cerca de **60 toneladas de lixo por dia!**

Os resíduos domésticos

A abertura do aterro sanitário de S. Miguel vem permitir uma evolução positiva no destino a dar aos RSU, mas não resolve isoladamente o problema.

A solução depende da articulação entre várias partes nas quais se incluem as Autarquias mas é fundamental mudar as

atitudes da população em geral. A deposição no aterro de todos os resíduos produzidos constitui um encargo para a Câmara Municipal, sendo assim paga pelos impostos de todos nós que poderiam ser aplicados em fins mais úteis.

Além disso, a deposição dos resíduos sem triagem prévia irá encurtar a vida útil do aterro, por isso é urgente proceder a campanhas de incentivo à redução de produção de lixo a encaminhar para o aterro, criar a recolha selectiva e melhorar a eficiência da recolha tal como é feita agora.

Para isso é necessário reforçar a informação e formação dos funcionários da autarquia e da população em geral sobre a sua imprescindível colaboração.

Ações de Educação Ambiental

É possível envolver nas acções de esclarecimento, o concurso articulado de várias entidades, nomeadamente as Juntas de Freguesia, Associações de Defesa do Ambiente, Ecoteca da Ribeira Grande, Escolas, Associações Juvenis e aproveitamento dos programas de ocupação de tempos livres dos jovens.

Nas Freguesias rurais, ou mesmo quem tinha um pequeno quintal, era costume fazer-se a compostagem, deitando num buraco no fundo do quintal os restos dos vegetais usados na cozinha, os ramos podados, a relva cortada. Em pouco tempo podia usar-se o composto orgânico produzido como adubo.

Os frascos e garrafas eram reutilizados, tal como as latas. A quantidade que agora se adquire não permite guardar tudo, então devia ser possível encaminhar os excedentes para serem reciclados. Se a reciclagem não for rentável,

ou causar ainda maior poluição, ou o seu transporte para o Continente não compensar, há possibilidade de transformar, triturar, compactar, misturar com materiais de construção ou nos aterros para construção.

Os entulhos e os "monstros"

A Câmara Municipal aprovou uma deliberação em que se obriga a informar os munícipes que tenham obtido licenciamento de obras, dos locais onde poderão depositar os entulhos.

Além disso, existem contentores da Câmara, próprios para depositar e transportar estes entulhos para locais próprios. A Autarquia devia ser a primeira a dar o exemplo e cumprir eficaz e integralmente a oferta de locais de deposição controlada e fiscalizada de entulhos, no mínimo quatro distribuídos pelo Concelho.

As empresas que pretendem o licenciamento para a extracção de inertes, obtêm-no da Direcção Regional do Ambiente, após parecer da Câmara Municipal, mas consta das condições para ser concedido o licenciamento, a recuperação paisagística dos locais.

Seria uma forma de colaborar com as empresas que fizeram ou continuam a fazer a extracção de pedra, cascalho, areia, etc., se as crateras abertas fossem preenchidas por entulhos após o termo da sua exploração e cobertos por camadas de terra. Será necessário controlar e fiscalizar a deposição nesses locais de outros entulhos, de modo a acabar com as deposições caóticas e misturadas com todo o tipo de detritos. Infelizmente muita gente não sabe (ou não quer) distinguir o entulho de RSU, tal como latas, garrafas,



caixas de madeira ou de plástico. É necessário encaminhar os "monstros" – colchões, sucatas de automóveis, frigoríficos, fogões e mobílias velhas. A autarquia devia **incentivar e até compensar** quem ligasse para o seu número verde - número de chamada gratuita 800 203 432 - a pedir a recolha.

Vão crescendo lixeiras em locais que deviam ter acesso controlado, ou ser alvo de fiscalização e punição, no caso de reincidência. É o caso flagrante de berras de estrada ou a zona da Chã das Gatas. Este local continua a constar nos roteiros turísticos e devia ser um local de agradável passeio para todos, mas está impraticável, apesar de limpezas periódicas, pelos vistos ineficazes.

Agir localmente

É necessário colocar ecopontos – contentores próprios para a recolha selectiva - em todas as Freguesias, em colaboração com as respectivas Juntas e nos locais que o solicitem e proceder à recolha e encaminhamento eficiente e regular dos resíduos de forma separada.

No entanto, não basta colocar os contentores, se não houver preparação prévia. Há anos colocaram-se uns inestéticos contentores para vidro e para papel, mas neles se colocavam

sacos de lixo de forma indiscriminada. A população também não tinha garantia nenhuma que esses ecopontos servissem para alguma coisa..

Seria interessante, em cada Freguesia, fazer-se uma recolha porta a porta, de vidros, de latas ou outros objectos metálicos, de papel e cartão, de plásticos, de pilhas e baterias. Quem fizesse a recolha seria compensado e quem entregasse também, ou através de cartões que seriam carimbados para receber prémios, ou pela entrega de bilhetes do "raspa" ou de outros bilhetes de sorteio.

A simples distribuição de folhetos de propaganda também não resolve o problema, provavelmente até o agrava, porque são mais umas toneladas de papel transformadas em lixo.

Para haver a colaboração das diversas partes – autarquias, associações e outras instituições - capaz de mobilizar e fazer educação ambiental é necessário a **convicção** de que é imprescindível agir; é necessário definir um plano articulado patrocinado pela Câmara Municipal envolvendo as diversas entidades interessadas, de forma a obter-se uma política ambiental no Concelho, coerente e articulada, de modo a atingir-se resultados positivos.

Luís Noronha

Arte Musical (IV)

TUNA ALIANÇA TRIUNFANTE



A Tuna "Aliança Triunfante" que alegrou representações teatrais nesta ilha, festas e convívios cá na freguesia, foi criada ao que tudo indica nos anos

trinta (1931-1936). Era composta por uma dezena de jovens músicos, na sua maioria da família Botelho, desta freguesia, que nos seus

tempos livres se dedicavam à execução de números musicais, utilizando o violino, rebecão, flauta e outros instrumentos.

GRUPOS CORAIS

Outro dos estilos da arte musical nesta freguesia, têm tomado forma através dos grupos corais, os quais tem vindo a animar as nossas liturgias dominicais e as festividades em honra de S. José, N.ª S.ª dos Prazeres e Natal. Actualmente, o grupo coral tem como organista Marco Cabral e é regido por Eduardo Oliveira.

O GRUPO VOZ DA TERRA

O grupo de Música Popular "Voz da Terra",

foi criado em 1985, desaparecendo em 1996. Na sua curta existência, participou em diversos espectáculos nesta Ilha e deslocou-se também ao Faial e Pico. Participou nos programas televisivos "Arquipélago" e "20 Anos de RTP Açores" e no espectáculo da Rádio Renascença "Despertar ao Vivo" difundido por todo o país e nas comunidades emigrantes. Participou num CD colectivo lançado pela MMMusic, com o tema "Saudades d'outrora".

GRUPO TÍPICO "OS ALPES"

Ainda no campo musical é de referir que Mário Machado Rangel, embora nascido em Rezende, continente, foi no Pico da Pedra que viveu a

maior parte da sua vida. Famoso pela sua mestria em diversos instrumentos de corda, como guitarra, bandolim etc. tocou em quase todos os grupos de folclore nesta ilha, animou e transmitiu o seu saber a centenas de jovens que aprenderam com ele a tocar as nossas modas regionais. Para além de ter ensinado vários picopedrenses a tocarem, formou aqui, por meados dos anos cinquenta, um grupo típico denominado "Os Alpes". Muitas modinhas ficaram no ouvido e hoje são do domínio popular, como por exemplo, Marcha do assobio, Maria Morena, Sapateiro, entre outras, tiveram origem neste grupo.

Gilberto Bernardo

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirão - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



QUANDO ELAS BRIGAM

Diz-se que basta conceder razão a uma mulher para que ela faça uma briga. A afirmação possui aquela irritante presunção dos adágios que se reclamam da sabedoria das nações e de cujo rigor não será de todo ilícito duvidar, por causa das generalizações sempre abusivas em que costumam cair.

Na verdade, as mulheres, como os homens, brigam por questões ou julgamentos ou intenções de razão discutível, chegando a acontecer que a contenda comece e termine sem que a lógica intervenha, pelo menos de modo consistente, no decorrer das inflamadas altercações. O certo é que uma briga de mulheres tem traços e contornos que a distinguem de uma briga de homens e a tornam quase fascinante.

Lamento nunca ter assistido de perto a nenhuma, porque em criança me protegiam do que de vez em quando acontecia ao cimo do outeiro onde fica a minha casa. Apenas avistei a coreografia e ouvi o estridor da vozaria em polifónicas refregas, sabendo depois os motivos que levaram a que se arrancassem cabelos e rasgassem roupas. Motivos quase sempre de pouca monta, ou assim pareciam a quem a eles se mantinha neutro. Com o passar dos anos o meu outeiro acalmou, a vizinhança alterou-se, as obrigações profissionais obrigaram-me a ausências prolongadas durante o dia e hoje constato que já não há brigas nas minhas imediações ou, se as há, não transpõem as paredes das casas e, por conseguinte, não proporcionam o espectáculo a que sempre desejei, defendida pela distância que só a prudência aconselhasse, assistir.

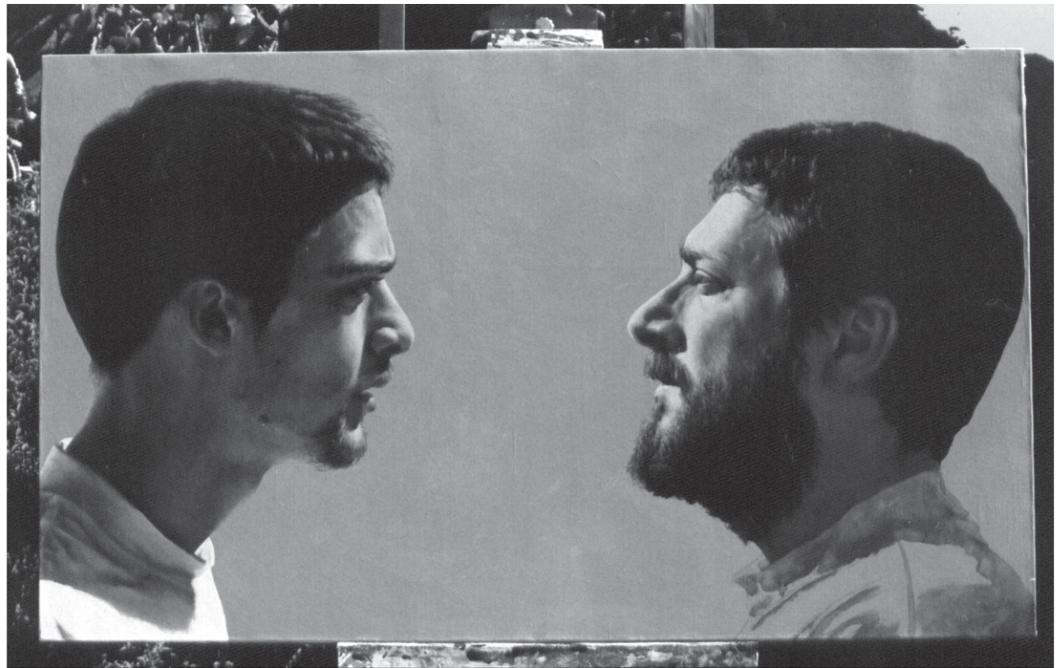
Foi por isso com grande interesse que há dias ouvi o relato de uma briga recente, ocorrida num bairro próximo. Do que concluí, tratou-se de uma briga paradigmática, já que começou com apenas duas mulheres e uma acusação. As vozes foram subindo de tom, como convém ao caso, as familiares de ambas as partes foram aos poucos acorrendo, seguindo-se as comadres, as vizinhas e as curiosas. Na relativamente pequena multidão engalfinhada já mal se distinguem as protagonistas e era até possível que a razão primeira da disputa deixasse de contar. Este incidente de não muito longa duração teve, contudo, os ingredientes indispensáveis a qualquer briga de mulheres que se preze: cabelos arrancados, roupa rasgada e o indefectível desmaio de uma das partes envolvidas que, nestas circunstâncias, costuma constituir o clímax da tragicomédia suburbana. O aparato da chegada da ambulância e dos agentes policiais representou o merecido epílogo. Só então o silêncio voltou à arena, possivelmente sem glória para nenhuma das contendoras, mas ressumando como que uma aura de fim de festa, de um espectáculo *sui generis* que só não perdi totalmente porque dele me fizeram chegar a notícia que fui esmiuçando com perguntas e também até certo ponto construindo com o que ia imaginando que tivesse acontecido para – confesso – mero disfrute pessoal.

Uma briga de homens não tem qualquer encanto. Costumam ser brutos, eles, usando como armas o sôco e o pontapé (quando não navalhas) e os palavrões que proferem – todos com o mesmo significado – não têm interesse, nem sequer linguístico.

As mulheres são mais prolixas e sibilinas na travessura de cuja malícia, por vezes, pode resultar a refrega. As agressões físicas chegam a ser requintadas e talvez até elegantemente acrobáticas na flexibilidade com que se envolvem e rodopiam. Não esmurram. Arranham. E o tamanho dos cabelos, esvoaçantes como as roupas, convida a gestos específicos de destruição certa e eficaz.

Tempo houve em que uma briga de mulheres podia ser feita ou

(Continua na pág. H)



Pintura de João Cruz Rosa, 2002

Rodeado de Ilha

OUTRO PASSO NA ILHA

Há em todo o ímpeto de vida uma forma de resumo do mundo. Inclui um dizer e um contra-dizer e, ainda, um caminho intermédio a que todo aquele que sofre essa energia chama vontade, uma espécie de «fazer pela vida». Não é fácil chegar a esse mediado sentido. Não é fácil porque se perde no ver e no mostrar e, sobretudo, no demonstrar o ardor da vida.

Arma-se um homem com palavras de acção que sobejaram àqueles que lhe foram próximos e parte com elas para a profundidade linear do tempo. Resiste, como semente de planta adormecida na terra, pronto a despertar no século ou num dos séculos seguintes. Quase sempre consegue esse prodígio de um modo físico, mas enquanto descansou, em pousio, no chão podre do transformar natural, perdeu o dom do espírito onde guardara o sentido mais profundo do sensível. Restou o sensual, isto é, os traços do rosto e o talhe do corpo.

As palavras vingam-se na nascença e na destruição; a um tempo, no ser e no não ser. Anulam-se na opinião do discurso que constroem. Poderá regressar a físcidade de Boaventura - o florentino a que prometi voltar no final de «Um passo na ilha» e que iniciou a sua vida activa como membro do convento franciscano de Santa Cruz -, como de facto aconteceu nos primeiros dias deste século. Regressou. Mas somente senhor da comum sabedoria que a sensualidade permite. Perfeito no terreno da ilusão, que é o mesmo que dizer na existência permitida por um carácter contraditório. Errando, como plâncton em suspensão nos veios das águas, vamos reencontrá-lo em Santa Maria. Podemos seguir a actualidade do seu existir. Os

seus dias no século XVII foram luz e tornaram-se trevas; e voltaram a ser, de novo, parte dessa luz. Parte de um todo, umas vezes visível e outras vezes invisível, que se equilibra no surgir e no desaparecer. No seu existir concreto e real, ele é semelhante à noite e ao dia. À vez, também é noite e dia. Tal como a noite neutraliza o dia e, de seguida, este anula a presença visível daquela, Boaventura foi e já não é a criatura que se perdia no pastoreio das ovelhas do convento de Santa Cruz das Flores, pelas alturas da ilha. Ele está agora em Santa Maria; não totalmente consciente desses seus dias passados.

Acompanham-no dois dos outros frades, João e Masseu. Nunca saberemos até que ponto lhes é consciente a vida que passaram em comum. Uma corrente imóvel multiplica-se, sem se mover e sem se mudar; envolve-os e deverá ser aquilo a que vulgarmente se chama eternidade. Foi João quem disso se apercebeu, carregado como sempre esteve, na tradição das páginas do relato franciscano, do silêncio da simplicidade. (Que a eternidade é um território onde somente a noção de silêncio satisfaz; e São Francisco não se afastou dessa certeza subjectiva.)

A ilha, quando a olhamos de determinado ângulo, parece-se com uma caveira humana. A Vila do Porto, uma espécie de amiba, longilínia. Estende-se. Desde o porto que lhe dá o nome, espécie de boca encimada pelo forte de S. Brás, a que se segue uma longa rua direita. Intestino disposto a receber

(Continua na pág. H)

TRÊS RETRATOS DE S. PEDRO



O passado remoto de Portugal encontra-se no património construído e natural da Beira Alta. As

características diferenciais da região ficaram assinaladas nos livros de Aquilino e nas obras de Vasco Fernandes, também conhecido por Grão Vasco, embora com este nome existisse outro Vasco Fernandes - o primeiro Grão Vasco-, pintor itinerante da Europa do século XV, revelado por Sanpere y Miquel, que Vergílio Correia reidentificou e distinguiu do mestre da Sé de Viseu.

Voltei a percorrer cidades, vilas e aldeias da Beira Alta: Viseu, Lamego, Tarouca, Ucanha, Salzedas e Ferreirim. Pela primeira vez, tive o privilégio de conhecer estas terras, na companhia de Aquilino e de Gilberto de Carvalho. Bispo protestante, intemerato anti-salazarista, colecionador de livros raros, Gilberto de Carvalho foi, durante quase meio século, correspondente em Viseu dos jornais

de Lisboa e do Porto. Posso lá esquecer o impacto que senti em Tarouca ao interrogar as origens cistercienses (aprofundadas por frei Maur Chocheil), ao surpreender a arquitectura religiosa e civil, a figuração da arca tumular do conde de Barcelos e ao sentir-me agarrado pelas tábuas quinhentistas que rodeiam o interior da igreja? Trazia nos olhos o São Pedro de Viseu. Confrontei, pormenor a

pormenor, com o São Pedro de Tarouca. A sabedoria de Aquilino ajudou-me a compreender e definir a essência da Beira Alta e a sua relação com a história e a cultura portuguesas. Entre numerosos exemplos, Aquilino já desenvolvera o tema

(Continua na pág. H)

Óleos

20% Desconto

e ainda
oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400

Suplemento



Futebol Clube da Ribeira Grande

Mário Moura

Em busca do Águia e do Ideal III: a memória escrita

Futebol Clube da Ribeira Grande (1956-1961): A História de uma desilusão

Porquê juntar os trapinhos?

‘O campo que nunca chega o campo que já chegou Teófilo está no Águia e Ideal arreventou!’

Segundo o Padre Edmundo Manuel Pacheco, primeiro Presidente eleito do *Futebol Clube da Ribeira Grande* (Testemunho: 12.06.2002), ‘o Governador Civil de então, Dr. Carlos Paiva, tomou a iniciativa de fundir clubes de futebol da ilha de S. Miguel. Previa-se para Ponta Delgada três grupos dos cinco existentes e para a Ribeira Grande apenas um, fundindo-se por conseguinte, Águia e Ideal. Porque existiriam clubes a mais para os recursos disponíveis. Seria bom, caso se se quisesse tornar o futebol mais competitivo, reunir esforços. Conseguisse atingir este desígnio na Ribeira Grande, mas não em Ponta Delgada. Não me recordo quais os grupos que se opuseram, se não me erra a memória, desapareceriam o União Sportiva e o Micaelense’.

Águia e Ideal, apesar dos esforços, não tinham tido qualquer sucesso na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Os dirigentes dos dois clubes, presumirem ser um bom negócio para o futebol de Ribeira Grande, ‘juntar os trapinhos.’

Preparativos: Fusão e criação do novo clube

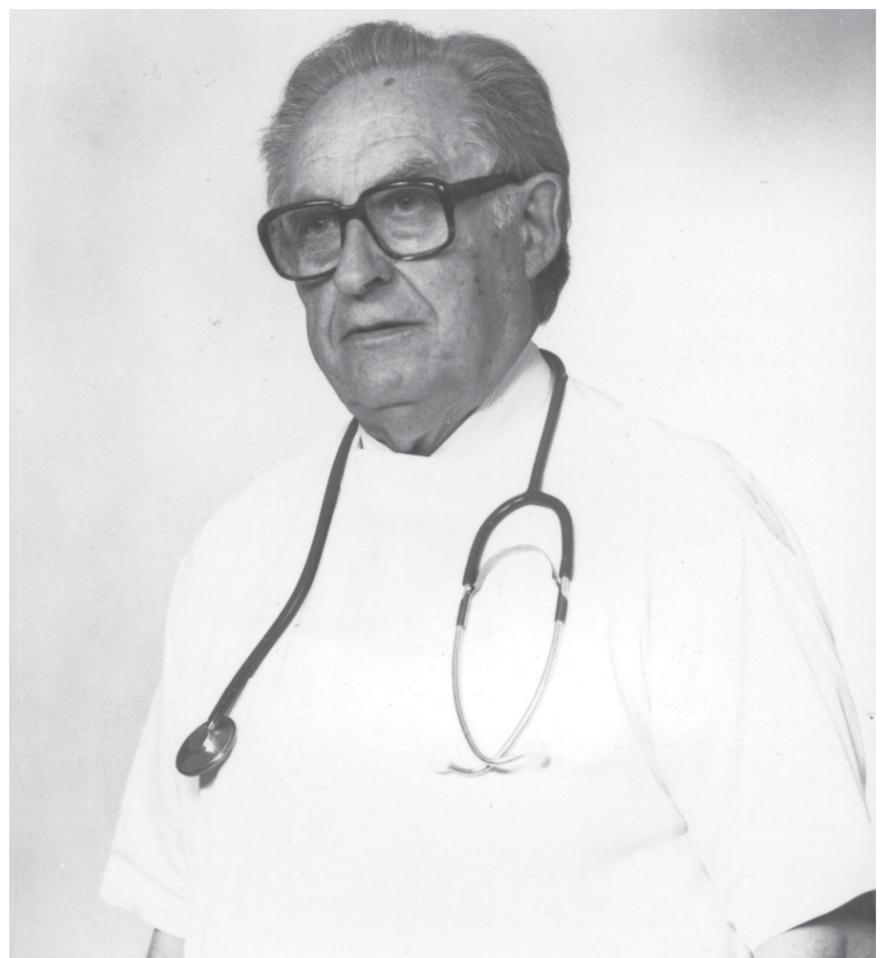
E assim foi. Em Acta da Câmara Municipal de Ribeira Grande, de 14 de Março de 1956 (AMRG, liv. 82, fl.81), esta autarquia transcreve o teor de carta de

dirigentes do Águia e do Ideal, na qual expunham ‘a necessidade dos mesmos grupos se fundirem num só e pedindo autorização para no Salão da Biblioteca Municipal realizarem uma reunião (...) presidida pelo Excelentíssimo Presidente desta Câmara’. A Câmara, na mesma acta, ‘deliberou ceder o Salão da Biblioteca, para tal fim e o Excelentíssimo Presidente ficou de ir assistir à reunião.’ A Biblioteca Municipal situava-se, então, na rua de Nossa Senhora da Conceição.

Notícia de 7 de Abril, vinda a lume no *Açoriano Oriental*, porém, ainda referia a participação do Ideal e do Águia, na condição de extra-torneio, na Taça Venezuela. Todavia, não temos notícia de que tal jogo se tenha efectuado.

Seja como for, a Assembleia Extraordinária do Ideal, de 30 de Abril de 1956, desconhecemos se houve uma para o Águia, discute e delibera ‘(...) a fusão desta agremiação desportiva à do Águia Futebol Clube (...) A maioria dos sócios presentes em número de vinte, concordaram na referida fusão, a qual deverá actuar no início da próxima época.’ Entre os que assinaram, reconhecem-se: Manuel Nunes Coelho (presidente da Assembleia) Jaime Melo, Jaime Oliveira Rocha, José Francisco de Melo, Artur Medeiros Brilhante, Francisco Leite Ribeiro e Luís Augusto da Ponte Furtado.

O *Diário dos Açores*, de 9 de Julho, anota que o *Clube Desportivo Santa Clara* havia vencido a 8 de Julho por 3-1 ‘um misto daquela vila’. Seria já o embrião do *Futebol Clube da Ribeira Grande*? Provavelmente.



Dr. Joaquim Fortes Sampaio Rodrigues: 1.º Secretário da Assembleia Geral

Preparativos: processo de legalização do clube

Porém, só em Novembro, numa terça-feira, realizar-se-iam as eleições para os corpos gerentes do novo clube, conforme o jornal

A Ilha de 10 de Novembro de 1956. Repetir-se-iam para cumprir com formalidades impostas pela Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Na Acta n.º 3, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, de 9 de Outubro de

TALHO E SALSICHARIA

IDEAL

Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos





Uma equipa da F.C. Ribeira Grande, de acordo com Armindo Moreira da Silva.

1.º plano – da esquerda para a direita: Manuel Garcia, Amarino Franco, Manuel Puga, Luís Tavares, Fernando China, Manuel Anselmo, Albano Rebelo;

2.º plano – Renato Silva (treinador), António Santos, Olivério Santos, (?), Eduíno 'Maquia', José Ventura, Baltasar Favinha, Fernando Santos, Moreira (capitão), José Correia

1956, regista-se a filiação do *Clube de Futebol 'Vasco da Gama'*, com sede em Vila Franca do Campo. Seria um dos grupos adversários do Ribeira Grande. Nesta mesma acta assinalava-se que Francisco Inácio Machado representaria aquela associação na Ribeira Grande. Refere também os representantes das Vilas de Lagoa e Vila Franca do Campo, bem como anuncia um *Festival de Abertura* a ter lugar no Relvão.

A 16 de Outubro, de 1956, todavia, na Acta n.º 4, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, excluía-se dos oitavos de final o *Futebol Clube da Ribeira Grande*, 'que só entrará (ria) nos quartos de final se até à semana antecedente da realização dos jogos se oficializar a sua situação.' Já entrava, porém, o Vasco da Gama.

Ainda a 14 de Novembro de 1956 (AMRG, Actas, liv. 83, fl. 26), apesar da fusão dos dois clubes, talvez para cumprir com compromissos anteriores, cujo montante se destinaria por certo ao pecúlio do novo clube, a autarquia atribuía às direcções do Águia e do Ideal 'a importância de quinhentos escudos proveniente de subsídio votado.' Para a época de 1956/1957, de acordo com Livro de Directores, 1936-37 – 1988-1989, da AFPD, José Francisco de Melo é nomeado Delegado na Ribeira Grande daquela associação. No mesmo livro exaram-se os nomes dos corpos directivos do Futebol Clube da Ribeira Grande para a época de 1956-1957. Inclui-se o nome de José Aníbal de M. Ponte, treinador do mesmo clube.

Corria-se contra o tempo, pois, só a 21 de Janeiro de 1957 é assinada a acta oficial de constituição do novo clube. É de 18 de Fevereiro a Declaração, reconhecida notarialmente, enviada pelo Presidente da Direcção, Padre Edmundo Manuel Pacheco, ao Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada. Nesta, o Presidente do clube declarava que aquela agremiação desportiva ainda não dispunha de 'Regulamento Interno aprovado superiormente.' No mesmo processo,

declarava-se que, além de referir que o Padre Edmundo Manuel Pacheco é presidente do clube e que este tem sede na rua 5 de Outubro, n.º 59, que fora a do Ideal, 'três divisões, respectivamente – Gabinete da direcção – sala de jogos, balneário e vestuário.' Acrescenta-se adiante que o clube utilizará o campo de Jogos Municipal, que o azul e o branco são as cores do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, tendo este 'actualmente 135 sócios efectivos.' Não refere, todavia, que as cores foram escolhidas para representar as do Concelho. No referido processo, também se apensou Cópia da Acta número um da Assembleia Geral do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, celebrada no dia 21 de Janeiro de 1957.

Reza assim, seria a formalização necessária do já divulgado pela *Ilha* de 10 de Novembro: '(...) na sede do FUTEBOL CLUBE DA RIBEIRA GRANDE, sita na Rua cinco de Outubro, número cinquenta e nove, reuniram-se em primeira convocação, pelas vinte e uma horas, a Assembleia-Geral composta pelos seguintes sócios contribuintes e ordinários Senhores Padre Edmundo Pacheco, Mário Raposo Moura, Aurélio Aires da Ponte Furtado, Fernando Correia da Silva, Alberto da Câmara Rita, Francisco Leite Ribeiro, Carlos Cristiano Pacheco, José Augusto Costa, Manuel dos Santos Garcia, Plínio Maria de Medeiros Ponte, Fernando Alberto Alves, José Francisco da Ponte, Carlos da Silva Gouveia, João Alves da Silva, Evaristo Pereira Furtado, Rodrigues Roque, Francisco Inácio Machado, Luís Felipe Borges Miranda, Manuel de Medeiros Borges, Álvaro Raposo Moura, Manuel Carvalho, Jaime Borges da Silva, Sérgio Marques Pereira e Diniz de Sousa Furtado.' E refere que 'sendo esta reunião da Assembleia-Geral a primeira a realizar na vida oficial deste Clube desportivo, e não havendo ainda Corpos Gerentes devidamente oficializados, foi por unanimidade dos sócios presentes eleito para presidir esta

Assembleia-Geral, o Senhor Padre Edmundo Manuel Pacheco, escolhendo para secretariar a mesma os sócios senhores José Augusto Costa e Manuel dos Santos Garcia (...) pelos sócios presentes foram apresentadas várias listas com indicação de alguns nomes de sócios para fazerem parte dos Corpos Gerentes e de entre as listas presentes foram eleitos por unanimidade os seguintes sócios: - PARAAASSEMBLEIA-GERAL – Doutor Lucindo Rebelo Machado, Doutor Joaquim Forte Sampaio Rodrigues e Plínio Maria de Medeiros Ponte. - PARA A DIRECÇÃO – Padre Edmundo Manuel Pacheco, Francisco Leite Ribeiro, Mário Raposo Moura, Manuel dos Santos Garcia e Aurélio da Ponte Furtado, - SUPLENTE DA DIRECÇÃO – Alberto da Câmara Rita e Manuel de Medeiros Borges. - PARA O CONSELHO FISCAL – Gabriel Raposo de Melo, José Augusto Costa e Manuel Carvalho. Ficando, pela mesma Assembleia-Geral, deliberado, que os cargos dos primeiros Corpos Gerentes do FUTEBOL CLUBE DA RIBEIRA GRANDE, fossem distribuídos da seguinte forma: ASSEMBLEIA-GERAL: - Presidente, Doutor Lucindo Rebelo Machado, Primeiro SECRETÁRIO; Doutor Joaquim Forte Sampaio Rodrigues; SEGUNDO SECRETÁRIO; Plínio Maria de Medeiros Ponte. - DIRECÇÃO: - Presidente: - Padre Edmundo Manuel Pacheco; Vice-Presidente – Francisco Leite Ribeiro; Primeiro Secretário – Mário Raposo Moura, Segundo Secretário – Manuel dos Santos Garcia, Tesoureiro – Aurélio Aires da Ponte Furtado, SUPLENTE DA DIRECÇÃO: - Alberto da Câmara Rita e Manuel de Medeiros Borges, CONSELHO FISCAL: - Presidente, Gabriel Raposo de Melo; Secretário; José Augusto Costa; Relator – Manuel Carvalho.' Lavrou e assinou a acta Manuel dos Santos Garcia. Terá sido uma Direcção de compromisso, uma que agradasse aos ex-membros do Ideal e do Águia.

Legalização do clube nas instâncias competentes: início de actividade

A Acta n.º 20 da FPF, de 23 de Fevereiro, regista a filiação do *Futebol Clube da Ribeira Grande* nestes termos: 'aceitar e comunicar à Federação Portuguesa de Futebol, a filiação do Futebol Clube da Ribeira Grande.' Nesta mesma, delibera organizar um festival desportivo para a Ribeira Grande. Para assinalar a fusão do Águia e Ideal, e para marcar o início do novo clube, decorreu no dia 3 de Março de 1957, no Campo de Jogos Municipal da Ribeira Grande, duas partidas: pelas 14 horas, jogaram *Clube União Desportiva* e *Clube União Micaelense*, às quinze e quarenta e cinco, *Futebol Clube da Ribeira Grande* e *Clube Desportivo Santa Clara* (Acta n.º 21, liv. 14, fl. 14v., Associação de Futebol e Ponta Delgada). Apesar de derrotados por três a zero, a réplica dada pelo Ribeira Grande augurava-lhe um bom futuro (*Correio dos Açores*, 5 de Março de 1957, fl.1).

Início da competição oficial: II Divisão da AFPD

A 19 de Fevereiro, na acta n.º 19 da AFPD, divulgava-se a composição das equipas inscritas naquela Associação para os campeonatos das I e II Divisões. I Divisão: *Marítimo Sport Club*, *Clube União Micaelense*, *Micaelense Futebol Clube*; *Clube União Sportiva* e *Desportivo Santa Clara*. Na II: *Grupo Recreativo Desportivo os Leões*, *Clube Operário Desportivo* e *Futebol Clube da Ribeira Grande*. Juntar-se-lhes-ia o Vasco da Gama.

O primeiro encontro a contar para o Campeonato Distrital da II Divisão, contra Os Leões, o Ribeira Grande impôs-se ao adversário com um rotundo e incontroverso cinco a zero (*Correio dos Açores*, 16 de Abril de 1957, fl.1). Continuava a pairar sobre o novo clube um futuro promissor. E o Operário outros tantos ao Vasco da Gama de Vila Franca do Campo, que entretanto, entrara. Mas, pouco depois, começam a surgir os castigos: a 23 de Abril, a Associação deliberou aplicar uma multa de duzentos escudos ao Ribeira Grande, por ter feito alinhar dois jogadores em situação irregular (Acta n.º 31). Na segunda partida, realizada na Ribeira Grande frente ao Operário, perdem por cinco a um (*Correio dos Açores*, 24 de Abril de 1957, fl.1). Este clube lagoense, como se veria, pertencia a outro campeonato. Aliás, o Operário, como se diz na gíria futebolística, sagrar-se-ia campeão da II Divisão (Acta n.º 38, liv.14, Associação de Futebol). O Ribeira Grande, ficaria num modesto, mas ainda assim, honroso terceiro lugar. A esperança continuava viva. O Operário, por seu turno, ao derrotar o *Micaelense Futebol Clube*, penúltimo classificado da I Divisão, conquistou o direito de, na época de 1957/1958, ascender à I Divisão Distrital (Acta n.º 43, fl. 33, liv. 14, 2 de Julho de 1957).

A 14 de Maio de 1957, José da Câmara Vieira, conhecido por José Correia, guarda redes do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, é convocado para a selecção de S. Miguel (Acta n.º 34, liv.14, 7 de Junho de 1957, Associação de Futebol).

O II Campeonato Distrital começaria, conforme marcação da Associação de Futebol, consulte-se Acta n.º 1, liv.14, 8 de Outubro de 1957, a 20 de Outubro. Nele participariam dois clubes que haviam baixado de escalão: *Micaelense* e *União Sportiva*. Este último, por ter ficado em último lugar da I Divisão, conforme os regulamentos da prova, baixara, sem mais,

de divisão. O II Campeonato, no que concerne o Ribeira Grande, foi de novo uma desilusão: o *G. D. R. Os Leões*, da Lagoa, conquista o campeonato da II Divisão e o *Futebol Clube da Ribeira Grande* fica em segundo lugar, a dois pontos do vencedor (*Açoriano Oriental*, 4 de Janeiro de 1958, fl.2). O Vasco da Gama desistira e os dois clubes de Ponta Delgada, *Micaelense* e *União Sportiva*, ficaram atrás dele. Porém, uma reclamação considerada procedente, atiraria o Ribeira Grande para terceiro lugar (Acta n.º 17, liv. 14, Associação de Futebol de Ponta Delgada, 14 de Janeiro de 1958). A 5 de Janeiro, começara o Torneio Distrital de qualificação à Taça de Portugal (*Diário dos Açores*, 4 de Janeiro de 1958, fl.4).

Nesta prova, após o desânimo causado pelo insucesso das duas épocas precedentes, poder-se-á dizer que o sonho começa a desmoronar. Em seis jogos disputados, o Ribeira Grande averbaria seis pesadas derrotas (Acta n.º 23, liv. 14, Associação de Futebol, 25 e Fevereiro de 1958). E, por castigos a jogadores, chovem multas (Acta n.º 31, liv. 14, Associação de Futebol PD, 2 de Abril de 1958). Desiste de um jogo com o *Micaelense*, conforme acta da Associação de 25 de Junho de 1958. Apenas com um ponto, queda-se na última posição da Taça de Seguros Império (*Correio dos Açores*, 1 de Julho de 1958). Oito jogadores do *Ribeira Grande* são castigados pela Associação de Futebol com multa e ameaça de suspensão (Acta n.º 42, fl. 74, liv. 14, Associação de Futebol PD, 2 de Julho de 1958). A época de 1958/1959, não lhe correria de melhor feição. A Acta n.º 6, da Associação de Futebol PD, de 20 de Outubro, suspende por um jogo um atleta do Ribeira Grande, acta n.º 11, de 25 de Novembro, e declara o *União Sportiva* campeão da II Divisão. O *Ribeira Grande* é o 'lanterna vermelha', averbando seis derrotas em seis jogos. Acentuava-se a queda. No Torneio de Apuramento à Taça de Portugal, apenas com dois pontos, fica de novo em último. Ganhou o *União Micaelense*. É aplicada pela Associação de Futebol de Ponta Delgada uma pena suspensa até ao final da época a dois jogadores do *Ribeira Grande* (Acta n.º 27, liv. 14, 10 de Março de 1959).

A Associação promoveu um Campeonato das Vilas, Acta n.º 13, liv. 15, Associação de Futebol PD, 9 de Dezembro de 1959, e nele participariam o *Operário Desportivo*, *Os Leões* e o *Ribeira Grande*. A 15 de Dezembro, a Associação pune o Tesoureiro do Ribeira Grande e vários jogadores do clube (Acta n.º 14). A Associação informa, Acta n.º 20, de 19 de Janeiro de 1960, que os troféus a atribuir aos vencedores dos Campeonatos de Ponta Delgada e das Vilas, seriam atribuídos aos clubes que vencessem as provas em dois anos consecutivos ou em três alternados. O vencedor do Campeonato das Vilas seria o *Operário* e o *Ribeira*



Alberto Rita

Grande, mais uma vez, ocuparia o último lugar (Acta n.º 21, liv. 15, 26 de Janeiro de 1960). O de Ponta Delgada seria conquistado, por seu turno, pelo *União Sportiva*. A 4 de Fevereiro, Acta n.º 25, liv. 15, são aplicadas mais punições a jogadores do *Ribeira Grande*. E ainda outras a 15 de Março.

Canto do Cisne

O Campeonato da II Divisão, de 1960, conforme Acta n.º 31, 29 de Março de 1960, da AFPD, seria disputado entre o *Marítimo*, *Os Leões*, o *Futebol Clube da Ribeira Grande* e o *Clube Desportivo Santa Clara*. Ainda outra punição, conforme Acta n.º 38, de 23 de Maio de 1960.

Ao fim de quatro jornadas sem qualquer vitória, com apenas três bolas marcadas contra dezoito sofridas, arrostando com inúmeros problemas disciplinares, sem atletas, com problemas de tesouraria e reduzido a um ou dois dirigentes, o *Futebol Clube da Ribeira Grande* (*Correio dos Açores*, 18 de Junho de 1960, fl.1) solicita à Associação de Futebol desistência da prova. Porém, com prudência, para evitar eliminação durante épocas consecutivas, a Associação aconselha os dirigentes do Ribeira Grande de, em vez da desistência, para dar tempo a resolver problemas, a pedir 'suspensão legal da sua participação naquela prova.' Tal, mediante a liquidação de multa de quinhentos escudos até trinta dias do mês de Junho. O que é oficializado na Acta n.º 48, liv.15, de 21 de Junho de 1960. O campeonato de 1959-1960 da segunda divisão é ganho pelo *Santa Clara* e o da primeira, da mesma época, pelo *Operário* (Acta n.º 49, liv. 15, 28 de Junho de 1960). Sai, em 1960, em sorteio o primeiro lugar ao *Ribeira Grande* para o Torneio de Abertura das Vilas (Acta n.º 2, liv. 15, Associação de Futebol PD, 18 de Outubro de 1960). Novas suspensões, até resolução posterior, de dois jogadores do Ribeira Grande (*Correio dos Açores*, 20 de Janeiro de 1961).

Lucindo Rebelo Machado, Presidente da



António Augusto da Motta Moniz

Assembleia Geral, convoca a 25 de Janeiro de 1961, uma Assembleia Geral do clube, para o dia 31, pelas 20 horas, na sede do clube, sita à rua 5 de Outubro para tomar conhecimento e aprovar as contas da Direcção e receber parecer do Conselho Fiscal, bem como eleger os corpos gerentes (*Correio dos Açores*, 26 de Janeiro de 1961).

A 5 de Fevereiro começa o Campeonato de Ponta Delgada e das Vilas. O *Ribeira Grande* participa. O primeiro classificado do Campeonato das Vilas teria acesso à primeira Divisão (*Diário dos Açores*, 4 de Fevereiro de 1961).

Entretanto, o *Ribeira Grande* participa no Torneio de Classificação à Taça de Portugal (*Correio dos Açores*, 18 de Fevereiro de 1961). No rescaldo de um jogo disputado com o *Operário*, o campo de Jogos Municipal, de acordo com Acta n.º 34, liv. 15, Associação de Futebol PD, de 25 de Abril de 1961, é interdito por um jogo e cinco atletas do Ribeira Grande sofrem de um a oito jogos de castigo. O clube tem de pagar uma multa de 100\$00. Entretanto, *Os Leões* desistem (*Correio dos Açores*, 2 de Maio de 1961). Tal como o Vasco da Gama o havia já feito antes. Restava o *Ribeira Grande*. Este, não obstante dificuldades de tesouraria e de falta de atletas, inicia a 21 de Maio a sua participação em nova edição do Campeonato da II Divisão Distrital (*Diário dos Açores*, 20 de Maio de 1961). *Os Leões* desistem do campeonato (Acta n.º 38, liv. 15, Associação de Futebol, 23 de Maio de 1961). O *Micaelense*, que se sagraria campeão da II Divisão, goleia por sete a zero o *Ribeira Grande*. São expulsos atletas ribeirão-grandenses por agressão a adversários (*Correio dos Açores*, 3 de Junho de 1961).

Últimos momentos de vida

Lê-se no *Diário dos Açores*, de 5 de Junho, que 'no Campo Marquês de Jácome Correia deveriam ter jogado ontem (dia 4) *Marítimo* e o *Ribeira Grande*, um jogo a contar para o campeonato Distrital da segunda divisão. Mas o *Ribeira Grande* desistiu, marcando o *Marítimo* os pontos

respectivos (...).' No mesmo jornal, mas na edição de 17 daquele mês, explicava-se a razão pela qual o *Micaelense* não teria de disputar mais jogos para se sangrar campeão: 'porque a equipa do *Futebol Clube da Ribeira Grande* desistiu da segunda volta do Campeonato Distrital da II Divisão (...).' A 15, em acta n.º 41 da AFPD, aceitavam-se os 'motivos justificados que levaram o *Futebol Clube da Ribeira Grande* a desistir dos jogos da segunda volta (...).'

No jogo agendado para o dia 15 de Junho, dedicado às vítimas 'do terrorismo', o Ribeira Grande não participaria (*Diário dos Açores*, 3 de Junho de 1961).

Fim do sonho e reaparecimento do Águia e do Ideal

Estaria desfeito o sonho de uma equipa única na Ribeira Grande. A 29 de Junho reentravam em cena 'velhos e relhos' actores (*Diário dos Açores*, 27 de Junho de 1961): 'Na próxima quinta-feira realizar-se-á na Vila da Ribeira Grande um encontro entre as antigas e rivais equipas *Águia* e *Ideal*, disputando-se duas Taças intituladas Taça Vítimas de Angola e Taça Presidente da Câmara, António Augusto da M. Moniz, cujo produto reverterá a favor das vítimas do terrorismo de Angola.'

O futebol na Ribeira Grande, tendo o sonho descambado em pesadelo, com a desistência do *Futebol Clube da Ribeira Grande* das competições da Associação de Futebol de Ponta Delgada, entraria, ainda que por um curto espaço de tempo, no purgatório sem futuro do designado futebol clandestino.

Porquê o fim? 'Casa em que não há pão todos ralham e ninguém tem razão'.

A este respeito, Gustavo Moura, responsável pela secção desportiva do *Diário dos Açores*, em editorial vindo a lume na edição de 23 de Junho de 1961, explicava as razões do facto. 'Não nos admira, pois, que o futebol clandestino tenha medrado por toda a ilha de São Miguel. Os clubes que o praticam e o estão desenvolvendo, ao verificarem o que tinham a fazer para a sua existência ser considerada legal devem ter ficado assustados, faltando-lhes, quem os orientasse e ajudasse.'

Os maus resultados goraram as expectativas de dirigentes, atletas e simpatizantes do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, tendo estes, por seu turno, desencadeado, talvez por frustração, actos de indisciplina contra árbitros, adeptos contrários e adversários. A escolha de atletas de entre os grupos iniciais *Águia* e *Ideal*, a princípio algo pacífica, com o avolumar de insucessos, motivou da parte de atletas preteridos e de simpatizantes frustrados, o desejo de fazer reacender a velha chama clubística. No entender destes, e cada vez

NANA

> Roupa de criança

> Lingerie

> Roupa de senhora

> Sapataria

> Peles

MODE

Rua Sousa e Silva n.º 58
 Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
 Tel.: 296 474 563



Uma equipa de júniores do FC Ribeira Grande, de acordo com João Manuel Alves:

1.º plano – da esquerda para a direita: Jacinto 'Pretinho', José Cabral, Manuel Garcia, Amorim, Dinis Anselmo, Moisés

2.º plano – Renato Silva (treinador), Fernando 'Campo Novo', Humberto, Manuel Morgado (?), José Caçador, Baltasar Favinha, João Cavaco, João Manuel Alves, Gerónimo (guarda redes), Aurénio Aires Furtado (dirigente)

havia mais gente convencida desta verdade, a separação seria o melhor caminho. Achou-se então, a melhor maneira de tornar o futebol ribeirão-grandense mais competitivo. Este tem sido, desde então, ao contrário do que sucedeu na Lagoa, ou em Ponta Delgada, o discurso mais persistente da Ribeira Grande. Além do mais, os simpatizantes e atletas apontavam o dedo ao atleta e simpatizante dos antigos clubes. Ouviam-

se amiúde desabafos deste jaez: 'se fossem só os do Águia, diziam alguns, ou se fossem só os do Ideal, diziam outros.' De fora de Ponta Delgada, só sobreviveria o Operário, Vasco da Gama, Leões e Ribeira Grande ficaram pelo caminho. O Operário, não só pelo que a Fábrica local oferecia a potenciais atletas talentosos dos quatro cantos da lha, mas também pela dinâmica e persistência dos seus directores, constituiu desde a sua fundação um caso

de reconhecido sucesso. Na prática, toda a contestação na Ribeira Grande, resultaria no ressurgimento dos dois rivais e o encetar de breve e inglória travessia pelo futebol clandestino até se acertar o passo a partir de 1963. A década de sessenta, como veremos em próximo trabalho, marcaria o início da caminhada rumo a um curto predomínio da Ribeira Grande no contexto do Futebol da ilha de São Miguel, em que Águia e Ideal dominaram nas

décadas de setenta e oitenta o futebol na ilha. Mas aí as principais equipas da ilha já só pensavam na III Divisão Nacional.

(continua no nº 17)

Quinta de S. Pedro

Venda de plantas ornamentais

Visite-nos às Sextas e Sábados



Rua Nova, 3 Rib. Seca - Rib. Grande
Peter Healion - Telm. 917018729 - Tel 296477251

NT
New Fashion

Abriu recentemente na cidade da Ribeira Grande

Rua N.ª Sr.ª da Conceição, 101

New Fashion

Novidades! Tecidos, rendas, cortinados, lingerie, retrosaria, lãs, bijuteria

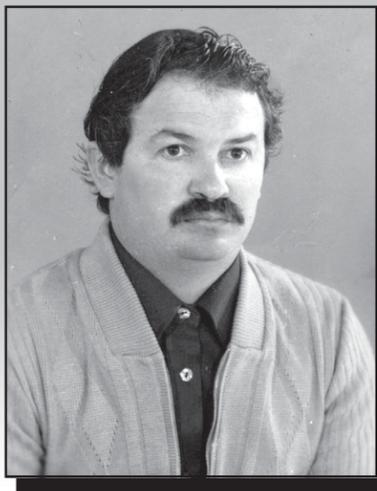
Vieiras, L^{DA}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ALVARÁS e ORÇAMENTOS



Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE



José Furtado Cabral

Leccionou anos a fio, assim como a esposa, irmã do 'Quim', na Escola Central, onde ensinou o 'bê-á-bá' a centenas de miúdos, alguns dos quais viriam a ser seus colegas de equipa. Vestiu as camisolas do Ideal: metade branca e metade verde, toda branca e calções verdes, listada. Iniciou-se aos 16, 17 anos, no Ideal antes da 'fusão' com o Águia, jogou no Ribeira Grande, voltou a jogar no Ideal após a separação, foi dirigente. Chegou a representar o *União Sportiva*, então dirigido por Aurénio Furtado, que fora dirigente do Ideal e do Ribeira Grande e responsável pela reabertura do clube, até que foi dirigir o Lar Luís Soares de Sousa. E foi treinador de futebol. Em Setembro de 1975, mudou-se de 'armas e bagagens' para Ponta Delgada onde continuou, até se reformar, ligado ao Ensino Básico. A 17 de Julho completou sessenta e quatro anos de vida. Ajudou a debelar, mais João Moniz da Silva e Décio Borges da Ponte, uma das piores crises do Ideal. Falamos de José Furtado Cabral, nado e criado nas imediações do Largo de Santo André, na freguesia de Ribeira Grande – Matriz.

MM: Como chegou ao Ideal?

JC: Vivia em Santo André, local onde a rapaziada jogava muito futebol, rapaziada como eu, o António Teófilo, que foi um grande jogador, chegou a jogar a titular nas melhores equipas do Lusitânia. Quando desmancharam o Jardim de Santo André, a gente fazia daquele espaço o nosso campo. Até nas Poças ou mesmo no Palheiro. Muitos dos rapazes daí foram parar ao Águia e ao Ideal. Fui jogando e como fosse mostrando alguma aptidão, o Sr. Jaime Paulo, dirigente do Ideal, veio falar comigo. Deveria de ter uns 16, 17 anos. E assim entrei na equipa, ainda antes do Ribeira Grande.

MM: Em seu entender, por que razão Águia e Ideal se reuniram no Ribeira Grande?

JC: Vendo as coisas em retrospectiva, poderia apontar as seguintes: dificuldades financeiras dos dois clubes; saída de muitos jogadores para as equipas de Ponta Delgada, Lagoa e mesmo para as da Terceira. A emigração também ajudou; falta de habilitações literárias de muitos dos atletas, a quem se pedia a 3.ª classe; a Associação de Futebol de Ponta Delgada, por seu turno, informou a autarquia que não deveria autorizar a realização de jogos com equipas não

filiadas, o que era o caso do Águia e do Ideal. O que foi posto em prática pela Câmara. E, para tentar resolver tudo isso, decidi-se criar um clube único, clube que representasse as cores da terra: o azul e branco. E que usasse o nome da terra: *Futebol Clube da Ribeira Grande*. Assim foi. Os dois clubes aceitaram a 'reunião', foi feita a selecção do que se considerava ser os seus melhores atletas, atletas estes que deveriam ter a escolaridade mínima e filiouse a nova equipa na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Participou em campeonatos da II Divisão com equipas de Vila Franca, Lagoa e Ponta Delgada.

MM: No seu modo de ver, por que razão falhou?

JC: Apesar de tudo, os problemas do Águia e Ideal, agravados pelos maus resultados do Ribeira Grande, continuaram. As dificuldades financeiras continuaram, o que dificultava o pagamento dos treinadores e de outras despesas. À medida que os problemas foram surgindo, como sempre, muitos dirigentes foram-se afastando, ficando quase só o Aurénio Furtado e pouco mais. Este era uma 'espécie de pau para toda a obra'. Às vezes até se afastava do clube, para logo regressar. Os jogadores também se foram afastando e o clube fechou.

MM: Que sucedeu a seguir?

JC: O clube fechou, só que muitos rapazes que gostavam de jogar futebol continuaram a jogar nas horas de lazer. Como o campo de jogos estivesse aberto, para matar o vício, faziam-se partidas de futebol à tarde e aos fins de semana. Muitos destes jogos eram seguidos por antigos dirigentes do Águia e do Ideal, estes um dia resolveram 'dar a cara' e foram ao campo falar com os rapazes. Entre os que me lembro, recorde os senhores Aurénio Furtado, ligado ao Ideal, e Viriato Moreira, ligado ao Águia. Decidiram, com os jogadores existentes, formar duas equipas: Ideal e Águia. Marcaram, ao que parece, jogo para o dia de São Pedro. Só que eram necessários equipamentos. Cada equipa tratou de os arranjar. No caso do Ideal, que conheço de perto, fomos eu e o Fernando Maia à Lagoa pedir emprestado o equipamento dos 'Leões', que era idêntico ao do Ideal. Assim renasceu, tanto quanto sei, Ideal e Águia.



José Correia do Águia

'O meu nome não é José Correia, mas também pode ser José Correia. O meu nome é José Câmara Vieira. Vou fazer 69 ou 70 anos em Outubro (Testemunho: 17.01.1996).'

Quem é o José Correia? 'Nasci na Vila Nova, o meu avô era o Manuel 'da Areia', pai do meu pai, que era irmão da mãe do Sr. Jacinto Amâncio. A minha mãe era Maria de Jesus, irmã do Manuel Capelas, meu padrinho, do Artur e do Humberto Capelas. O meu pai era camponês, o meu irmão Manuel, o mais velho, o que jogou no Operário, também era, e eu e o meu irmão António, o mais novo da gente, que chegou a jogar no Atlético, éramos cabouqueiros. A minha mãe teve mulheres e rapazes onze: sete fêmeas e quatro machos. O meu avô Manuel Capelas era padeiro na Padaria

do Sr. Fábio. Vendia pão pelas portas num carro. O meu tio Humberto também era padeiro e trabalhava com o pai. Quando o Sr. Fábio foi para o Brasil a padaria passou para o Alfredo Favinha da Vila Nova. Casei na Matriz e a minha senhora, Tomásia de Jesus Carvalho Paiva, filha da Matriz, deu-me quatro filhos: a Ana, o José Manuel, o João (faleceu em Junho de 2002) e o Mariano.' Às tantas, sentados nos degraus da Conceição, numa amena manhã de Janeiro, quis-me contar uma coisa: 'uma vez o Malhinha, num Domingo, ele jogava no Águia, morreu na América, contra o Ideal. O senhor não sabe essa: tu vais jogar para o Ideal e eles deram-lhe um fato para ele deixar entrar cinco golos. É o jogo do carneiro, o tal das Caldeiras. No outro Domingo, o meu irmão Manuel disse: eh pá, tu vais para guarda redes. Eu tinha 15 anos, mas já tinha o corpo que tenho hoje. Fui para a rede, peguei a dar aqueles saltos. A gente jogou contra o União Micaelense. Ele disse: eh meu irmão, tu é que vais jogar hoje. Eh pá eu não percebia nada de bola. Fomos para ali para o Campo Velho. Demos três a zero nesse dia e estive quatro anos no *União Micaelense*. E fui

escolhido para jogar na selecção contra o Porto. O Porto queria-me levar, seu pai tá aí pode dizer-lhe (creio que o confunde com o meu tio Mário Raposo Moura, Presidente do Águia). O Barrigana estava já velho. Eu disse: eu não sei ler. Eles disseram: a gente ensina a ler. Seu pai disse: eh pá vai. O meu pai também, mas não fui. Deixei de jogar aos 42 anos no Atlético, tinha uma grande equipa, e joguei uns vinte no Águia. Acho que ainda joguei no Ribeira Grande. Fui para o Atlético porque o Fernando Brinco era meu compadre, crismou o meu Mariano. E cheguei a jogar no Ideal. O Maroto do Ideal queria que eu ficasse a jogar lá, e eu dizia: pela sua saúde esta gente vai-me tirar a pele. O meu tio Manuel Capelas, e padrinho, andava sempre atrás de mim. Ele até se metia atrás da baliza. Ele tinha sido guarda-redes. O Maroto pedia-me, dava-me dinheiro, e eu jogava. O meu tio Manuel tentava impedir-me, mas eu dizia: o meu tio não manda em mim. Isto quando o Águia não jogava. O dinheiro fazia falta. Eu joguei no Ideal em dias em que o Águia não jogava. Eu, meu irmão Manuel e o António Fernandes, do Ideal, 'guerreá-

vamos' como cães dentro do campo. Fui para a Terceira e joguei nos Brancos da Praia. Fui com eles ao Faial. Queriam que eu ficasse, até no Lusitânia, mas não sabia ler nem queria aprender. O primeiro equipamento que me lembre foi todo vermelho e os calções brancos. Um outro que o meu tio Manuel Capelas comprou nos Arrifes, não sei se foi preta se foi riscada. Bela equipa aquela. Eu era cabouqueiro. Tirar pedra da pedreira. Andar abaixo e acima, às vezes doente dos joelhos por causa do futebol. Era um bocado difícil. A mulher, eu, os filhos. Mas tinha o vício de jogar futebol. Eu até fugia de casa, antes de casar, para jogar. Acabei de jogar e fui para o Canadá. Ia e vinha e depois regresssei. Estive lá um ano, depois vim para trás, ao segundo ano, regresssei ao Canadá, fui para Toronto, tive com a minha família, estive lá três anos e meio, depois vim outra vez para trás. Não era terra para mim. O meu irmão Manuel ficou por lá.' Com um corpanzil de pugilista, alto, homem de ferver em pouca água, perdia a cabeça com facilidade. Tanto adversários como colegas temiam as suas fúrias. Ao contrário do Buraca, que não tinha maldade



nenhuma, segundo ele próprio confessa, o José Correia não deixava passar em branco nenhum desafio. Esperava pela sua oportunidade para saldar a dívida, nem que passassem dez anos, ninguém lhe trincava os dedos e ficava a rir. Ai de quem o fizesse, chegava-lhe a mostarda ao nariz e explodia. Aquele físico mandava respeito. Ainda manda. As mãos largas como pás e fortes como tenazes poucas vezes deixaram escapar bolas altas, porém o seu ponto fraco, ao contrário do Buraca, eram as bolas rasteiras.

Há um par de anos, depois da missa das onze na igreja da Conceição, que frequenta apesar de ser freguês da Matriz, ao tentar descer a íngreme escadaria do adro junto à torre, escorregou nos primeiros degraus e só o seu velho instinto de guarda-redes lhe terá salvo a vida. Protegeu a cabeça com as mãos e chegou à calçada só com umas pequenas escoriações no pescoço. Foi a sua última defesa. Por acaso passava na altura por ali, temi o pior, estivera com o meu pai na tropa, ajudei a levantá-lo com cuidado, e a levar aquele corpo pesado e meio desfalecido para o interior da ambulância que chamara pelo telemóvel, e, para o animar, disse-lhe: põe-te bom que o teu Águia precisa de ti. Devolveu-me um sorriso. Mas não defendas tudo. Voltou-me a sorrir. Desta vez um sorriso matreiro. Vislumbrei-o, depois desse episódio, ontem, dia 23 de Junho de 2002,



Uma equipa do Águia Futebol Clube (década de quarenta), de acordo com Albano Rebelo:
1.º plano – da esquerda para a direita: Albano Rebelo, Mário, José Correia, Manuel Brindeiro, Eugénio Faial
2.º plano – Manuel Ventura, Fernando Santos, Manuel Morais, Manuel Correia, (?), Hermano 'Rebica'

prostrado na cama da sua casa n.º 3 da travessa da Praia, sem dar cor a si, poucos dias após o falecimento do seu filho João. Derrotado, sem tirar desforra, e achei isso impróprio. Diante da esposa, de luto carregado, que mais uma vez me comoveu com o seu agradecimento, e do filho Mariano, um comerciante de sucesso, escondi a dor que sentia por o ver naquele estado, ele que tantas tristezas dera ao meu Ideal. Não me importaria nada de o ver de

novo na baliza do seu Águia, nem que fosse só uma vez, alto, truculento, de palavrão fácil, agreste, mas vivo, derrotar o meu Ideal, só para o ver fora daquela cama. José Correia levanta-te desta cama, já passas das duas da tarde, ainda não cumpriste a promessa de reabrir o teu Águia, lembra-te de quando rapaste da carteira e me disseste que tinhas dinheiro para abrir o Águia, pois não faltavam rapazes habilidosos e com amor à camisola, bastava ir ao mercado das

reses, o campo Velho, o viveiro do teu clube, volta para os degraus da igreja de Nossa Senhora da Conceição, apesar de ser Verde, continua a falar-me do teu Benfica, mete aos ombros o teu casaco de lã, enfia na cabeça o teu barrete, mas não fiques para aí. Apeteceu-me dizer-lhe. Desta vez não me sorriu, nem podia. Um vulto enrolado na roupa, virado para a Areia onde tantos banhos tomou e tantas bolas perseguiu jazia silencioso. Era aflitivo. É homem orgulhoso, ao ponto de não voltar a falar com alguém que lhe insultou. Mas isto só depois de lhe ter partido a cara. Nunca antes. É assim e sempre será assim enquanto vivo for. José Correia, o teu neto, filho do João, que está agora à frente da tasca que foi tua, não te esquecerá, como o teu filho, apesar das vossas desavenças, também não, sou testemunho de que guarda religiosamente as tuas fotografias, e diz com orgulho: o meu avó foi um grande guarda-redes. Não poderias desejar mais. Pouco antes da queda, falaste-me com entusiasmo da homenagem que te fizeram na América num dos Convívios ribeirão-grandenses. Disseste-me: 'Vi lá gente que julgava morta. Gente que veio do Canadá e de toda a América. Gente da Ribeira Grande.' Põe-te fora da cama, olha que o teu Benfica se reforçou este ano, olha que estão a tentar reabrir o teu Águia. Não podes ficar no quente da tua cama. Seria virar a cara à luta, e tu nunca foste destes.

Em busca do Águia e do Ideal III: memória oral

Futebol Clube da Ribeira Grande (1956-1961): A História de uma desilusão

Edmundo Manuel Pacheco

Nasceu a 28 de Outubro de 1925 na casa n.º 104 da rua de Nossa Senhora da Conceição onde ainda reside. Foi eleito Presidente do Futebol Clube da Ribeira Grande para 1956/57. Por esta altura, era pároco da freguesia das Calhetas, de onde permaneceu de 1954 a 1959. Em 1959, dirige-se à Cidade de Lisboa, aonde fora nomeado secretário de D. José Pedro da Silva, natural da ilha de São Jorge, Bispo de Tiara e Assistente Geral da Acção Católica Portuguesa. Regressa à ilha em 1969, pelo que já não acompanha a última fase do Futebol Clube da Ribeira Grande.

MM: Como explica a fusão do Ideal e do Águia e o aparecimento do F.C. da Ribeira Grande?

EP: Por um lado (Testemunho: 12.06.2002), foi o modo encontrado para solucionar as carências individuais de ambos os clubes, por outro, para acatar a sugestão do então Governador Civil do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, Dr. Carlos Paiva. Consistia ela, essencialmente, em concentrar esforços por parte dos clubes da ilha. Para Ponta Delgada, a aceitar-se a sugestão, ficariam três das cinco equipas existentes, o que, por oposição das equipas visadas, salvo erro *União Sportiva* e *Micaelense*, não foi aceite, e para a Ribeira Grande, um. Aqui, veio ao encontro das expectativas e das necessidades sentidas no futebol da Ribeira Grande. Aqui, apesar de haver um campo novo, apesar de várias tentativas para ambas as equipas entrarem na Associação de Futebol de Ponta Delgada, o futebol pouco tinha evoluído. E assim pensou-se que o melhor seria fazer uma selecção dos melhores atletas de ambas as equipas, reuni-los sob as cores azul e branca, cores do Município. A sede, por apresentar melhores condições, acabou por ser a do Ideal. Esperava-se que o nível competitivo aumentasse, já que a Ribeira Grande competiria de igual para igual com as de Ponta Delgada e de Lagoa, e que a autarquia auxiliasse.



1.º Presidente da Direcção

Álvaro dos Santos Raposo Moura

Nasceu em 1 de Novembro de 1927, na rua do Alcaide, n.º 28. Tal como o pai, tal como o filho mais velho, tal como os irmãos. Ao contrário de Mário Raposo Moura, irmão, Presidente do Águia e Director do Futebol Clube da Ribeira Grande, Álvaro é um Idealista 'dos quatro costados', tendo servido o clube em todos os cargos. Foi o grande responsável 'operacional no terreno e nas secretarias' pela concretização do sonho da sede actual e fundador da equipa júnior do clube. Homem de visão, sempre preocupado com a saúde das finanças e com o futuro do clube, sobretudo com as infra-estruturas humanas e físicas do clube.

MM: Que se pretendia com a fusão do Águia e do Ideal?

AM: (Testemunho: 14.06.2002) O objectivo principal era o de se formar uma equipa forte na Ribeira Grande, equipa essa capaz de subir à I Divisão da Associação de Futebol de Ponta Delgada. E isto porque ficara provado que cada qual por si, dada as poucas forças de cada um, seria, já se havia tentado nas décadas de quarenta e de cinquenta, incapaz de o conseguir. Assim, o Ideal dava a sede, dirigentes e jogadores, o Águia jogadores e dirigentes. Havia tão poucos sócios, e destes tão poucos os que pagavam quotas, a autarquia poderia contribuir na medida das suas possibilidades, além do Campo de Jogos. O melhor seria, pensou-se na altura, tentar o que ainda não havia sido tentado: a união de esforços. (Em 1924, Praia e Açor haviam-no tentado, assim terá surgido o *Águia Sport Club*).

MM: Porque falhou o projecto?

AM: Sobretudo porque o objectivo de subida de divisão não se concretizou. Os maus resultados levaram, naturalmente, as pessoas a tentar encontrar respostas para o insucesso. Começou-se por culpar toda a gente: árbitros, dirigentes, autarquia, atletas. Chegou-se ao ponto de, com imensos atletas castigados, ou afastados porque discordavam, como sempre, de serem suplentes, não haver jogadores de jeito. Assim foi normal ouvirem-se desabafos dos do tipo de 'o plantel do Águia era melhor do que o do Ideal, para os antigos simpatizantes daquele clube, e o contrário da boca dos do Ideal.' Da Direcção inicial poucos restaram, ajudava mesmo não fazendo formalmente parte dela, creio até que para o fim só lá estava o Aurénio Aires Furtado, que acabou por ser 'um pau para toda a obra.' Neste clima de verdadeira 'guerra civil', imagine-se que, nos jogos quando um antigo atleta do Ideal falhava um lance era logo assobiado pelos do Águia, ou, manda a verdade, o contrário. Daí até ao regresso aos dois antigos clubes foi um passo. Foi o próprio Aurénio que teve um papel importante no reaparecimento do Ideal. Se calhar, vistas as coisas à distância, foi melhor assim, pois ambos acabariam por dominar o futebol na ilha a partir de finais dos anos sessenta.



Viriato Tavares Moreira

(Testemunho: 14.06.2002. Nasceu em 27.01.1931). Dinâmico e astuto, iniciou-se nas lides directivas do *Águia Futebol Clube*, afastou-se, por discordância da fusão, aliás continua a achar que foi um erro, que se deve, sobretudo a Artur Brillante, então Presidente do *Ideal Futebol Clube*. Após a separação tornou-se num dos dirigentes do *Águia* que, porventura, terá colleccionado mais êxitos.



Manuel Borges Garcia

(Testemunho: 10.01.1997. Nasceu a 4 de Junho de 1937). Antigo atleta do *Ideal Novo*, transitando para o *Futebol Clube da Ribeira Grande* e posteriormente para o *Ideal*, foi dirigente do clube e esteve ligado à construção da nova sede.

MM: Em seu entender, por que razão falhou a experiência do FC da Ribeira Grande?

MG: Os maus resultados da equipa. Nunca se conseguiu ter uma boa equipa.

As pessoas, por isso, desinteressaram-se, quer dizer quebrou-se o entusiasmo.

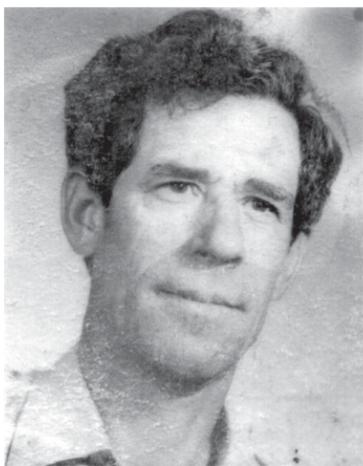


Manuel Carreiro Moniz

(Testemunho: 14.06.2002, nasceu em 20.12.1938). Natural da Matriz, começou a jogar aos 15 anos, chegou a jogar com o tio, Manuel Carreiro, então como suplente de António Santos (Buraca), transita para o *Ribeira Grande*, como suplente de Armindo Moreira da Silva, pois quer Buraca quer José Correia não tinham a 3.ª classe. Torna-se guarda redes principal do FCR Grande após a desistência do guarda redes principal.

MM: Por que fechou o R. Grande?

MM: Não ganhávamos nada. No último jogo, contra a Vila Franca, em Vila Franca, perdemos por 11-1. O último golo do Vila Franca foi marcado de propósito pelo José Cabral (Baldão). Disse: já agora, marco eu. Depois desse jogo o *Ribeira Grande* fechou. As expulsões, os castigos, reduziram o lote de jogadores. É preciso perceber, que, apesar do *Águia* e do *Ideal* estarem juntos no *Ribeira Grande*, eles sempre estiveram separados. Manteve-se sempre, entre os adeptos, a velha rivalidade entre *Águia* e *Ideal*.



João Manuel Pacheco Alves

(Testemunho: 14.06.2002. Nasceu a 18.01.1941). Natural da Matriz, iniciou-se nos júniores do *Futebol Clube da Ribeira Grande*. (Nenhum dos demais entrevistados o confirmam). Treinou o *Atlético de São Pedro* até Janeiro de 1963, data em que sai da ilha para cumprir o serviço militar em Angola. Em fins de 1965, inícios de 1966, duas horas após ter regressado do Ultramar, vindo no Funchal, Álvaro Moura, porque o *Ideal* estava a precisar de jogadores, pede-lhe para ingressar naquele clube. Aceita. Acompanhou de perto, ainda adolescente, a vida do *Futebol Clube da Ribeira Grande*, pois, 'andava muito com o Aurénio Furtado, que era um pau para toda a obra naquele clube, como o tinha sido no *Ideal Novo* e como o seria no *Ideal* seguinte.'



MM: Por que abriu e fechou o Ribeira Grande?

JA: Acharam, Aurénio Furtado, teu pai (Álvaro Moura) e outros, que, para acabar com o futebol sem futuro, pois nem *Águia* nem *Ideal*, apesar dos esforços, haviam conseguido entrar na Associação de Futebol de Ponta Delgada, se se quisesse uma equipa da *Ribeira Grande* a competir com as equipas da Associação, haveria que reunir esforços. Alguns jogadores, até então, porque não existia vínculo com a Associação, jogavam em Ponta Delgada e na *Ribeira Grande*, se se formasse uma equipa filiada naquela Associação a *Ribeira Grande* poderia beneficiar do seu concurso. Parte dos dirigentes esteve de acordo, alguns não, como foi o caso de Viriato Moreira, e creio mesmo que a massa adepta nunca se entregou de alma e coração. É o que se passa com a selecção nacional: apesar de os jogadores jogarem com a mesma camisola nunca esquecem a do seu clube. Nem os adeptos. Foi uma união que não uniu. Com os maus resultados a coisa agravou-se. Piorou com os castigos. Foram-se afastando dos jogos, do clube, o Aurénio Furtado acabou por estar quase sozinho. Havia períodos em que ele se afastava, depois regressava. Nestes períodos o *Ribeira Grande* andava como que por conta própria. Chegou ao fim, sem dinheiro, sem equipamentos de jeito, sem sócios, uma desgraça. Adeptos e mesmo dirigentes do *Águia*, raramente punham os pés na sede, pois esta tinha sido do *Ideal*. O teu tio (Mário Raposo Moura), que tinha sido dirigente do *Águia*, ia lá de vez em quando, mas por necessidade, nunca entrava lá à vontade. Notava-se que não se sentiam à vontade.

Depositaram-se muitas esperanças naquela equipa e o Aurénio Furtado até, para criar um viveiro de jogadores para os séniores, formou uma equipa de júniores, na qual eu participei. Lembro-me que jogámos contra o Micaelense, não me lembro se foi o primeiro jogo e qual foi o resultado, e depois, talvez mais uns dois ou três jogos. Mas isto é melhor perguntares a outros porque já não me lembro bem. À medida que alguns jogadores dos séniores iam sendo castigados ou se afastavam ou eram afastados, foram buscar jogadores aos júniores. Por exemplo: o Manuel Frade foi para suplente do Armindo e depois, por desistência dele, substituiu-o, o Dinis Anselmo, o José Cabral, o Manuel Garcia, o Baltasar Favinha. E outros.

Eng.º Armindo Moreira da Silva

(Testemunho: 15.06.2002. Nasceu em 4 de Agosto de 1935). Saiu da ilha rumo ao Continente no ano de 1953. Regressou à ilha, após estágio em Santa Maria, em 1959. Luís Manuel Cabral, seu primo e Álvaro dos Santos Raposo Moura, convidaram-no a jogar a guarda redes, pois, José Câmara Vieira (Correia) e António Santos (Buraca) não possuíam as habilitações literárias exigidas. Jogou pouco tempo, tendo sido substituído por Manuel Carreiro Moniz (Frade), a quem ofereceu parte do equipamento.



Fernando Torres Santos

(Cabeleira) (Testemunho: 15.06.2002. Nasceu em 4 de Agosto de 1929). Jogou no *Águia* e no *Futebol Clube da Ribeira Grande* do início ao encerramento, tendo ingressado de novo no *Águia* quando este se refundou. Chegou a alinhar pelo *Ideal Novo*. À pergunta por que não deu certo o *FCR Grande*, respondeu: 'Os jogadores aborreceram-se porque o treinador, um que veio depois do capitão Vilhetas, um sargento, metia uns a jogar e deixava outros de fora. Também os resultados não foram famosos. O primeiro jogo ganhámos ao *União Sportiva*, a partir daí foi só perder. Do *Águia* para o *Ribeira Grande* levei as botas, eu e os outros, a minha mãe é que as limpava, e quando saímos para o *Águia* da mesma maneira. Quem estava à frente do *Águia* era o Mário Moura, do *Ribeira Grande* e depois outra vez no *Águia*.'



OUTRO PASSO NA ILHA (continuação da pág III)

e a transformar todo o alimento, segundo um traçado ainda medieval, semelhante ao que encontramos em Óbidos, Évora Monte ou Monsaraz. A grande diferença reside, exceptuando a pequena fortificação cimeira ao porto, em não haver cintura de muralhas. Mas quase podemos dizer que elas estão lá e limitam a vila. Existem de um modo invisível. O que tanto aproxima a vila do simples desenho de uma amiba e, tal como muitas vezes são invisíveis os cónios tentaculares, também aqui o pano da muralha não se consegue distinguir, nem tão pouco são visíveis os interstícios - portas da vila - que a ligam ao resto da ilha. A expansão que sofreu a partir dos finais da segunda guerra mundial teve lugar fora desta unidade urbana e a imagem de amiba que contém a Vila do Porto tem-se mantido na sua estrutura física.

Chegaram ao cair da noite. De jeans, e não com o burel da Ordem, como convém à sua actualidade. O convento, que durante séculos foi a casa dos franciscanos na ilha, era agora pertença do domínio público. Ao quererem regressar a Santa Maria tiveram de procurar nova residência. Confiaram na escolha de um dos padres da ilha, que usando da ancestral desconfiança do clero regular lhes arranhou casa na Almagreira. «Devem ficar longe do mar. O mar é para aqueles que nele trabalham e para todos os outros tem o sentido de um brinquedo de criança. Se quiserem meditar, prefiro sabê-los distantes de um pôr do sol marítimo, se querem rezar, um quarto escuro é suficiente e se quiserem ajudar a comunidade, têm a igreja da freguesia e todo o povo que deles necessitar. Na vila não são precisos.»

Almagreira tem a montanha ao fundo. Fica num vale abrigado. «É tudo muito seco. Chão acastanhado, esmaecido de verde.» Disse João. A única frase que quebrou o silêncio dentro do carro de aluguer que os levou para a nova casa.

De dois pisos. Uma pintura, com o restauro do vermelho das barras, resolveria o mau aspecto exterior. Dentro, era espaçosa. Havia um quarto para cada um. No grande quarto do primeiro andar, de barotes à vista, ficou João. Masseur e Boaventura escolheram, a gosto, entre os dois quartos do piso térreo. Tinham decidido guardar silêncio nos primeiros tempos de Santa Maria. A quem se lhes dirigisse responderiam, mas entre si somente quebrariam esse silêncio se João, a quem deviam obediência, fosse o primeiro a falar.

Entre si distribuíram os trabalhos. João ligou-se à paróquia e dava assistência religiosa. Masseur, o irmão porteiro, recebia quem os procurasse naquela espécie de convento, onde não existia claustro. Fez um pequeno jardim com o auxílio de Boaventura: ibiscos, rosas e hidrângeas. Por todo o lado crescia, espontânea, a margaça.

Ao jardim seguia-se a horta, que ficou entregue a Boaventura. Mas não são estes arranjos domésticos que nos podem interessar. Antes devemos seguir os passos de outras formas de ocorrência na sucessão dos dias e das noites.

Há, perto da Almagreira, sobre uma elevação, um pequeno teatro. Assemelha-se à construção de uma galilé, a que nunca se seguiu uma esperada ermida. Aí terá havido, provavelmente, a representação de autos ou desgarrados cantares que animaram o amplo terreiro fronteiro. Não sei o exacto uso que lhe dão hoje. Boaventura procurava, em muitas noites, o silêncio desse espaço a que somente uma ingenuidade campestre chamaria teatro.

Presentiu, primeiro, como que subindo desde a estrada sinuosa que leva à Praia, a chegada de alguém. «Um anjo.» Pensou. «Seria bom, um anjo.» Esperou acolhê-lo com meio sorriso. É que, de qualquer maneira, anjo ou

não anjo, seria um estranho. Entrou no terreiro a que todos chamam Teatro da Graça, por se situar no topo do morro que é conhecido por Graça.

«Ingenuidade.» Acabaria por dizer frei João, quando Boaventura lhe falasse da chegada desse estranho. Àquela hora todos dormiam em Almagreira e nas casas que ficavam mais próximas do teatro. Um ou outro rapaz de motoretta, não seria de estranhar ou, então, um carro com namorados. Mas a noite estava fria e a qualquer momento podia começar a chover. Quando era assim, deixava-se ficar debaixo do telheiro do teatro, onde havia uma pedra que lhe servia de cabeceira. No seu íntimo chamava à dureza da pedra sacrifício. Mas também no seu íntimo sabia que qualquer ideia de sacrifício que o exaltasse, não era mais do que uma ilusão, nascida de um orgulho cego. Dormir ao relento, ou quase, pois havia a protecção do telheiro, não resultava em dádiva de coisa nenhuma; mas que existiria nele, Boaventura, que pudesse ser dado?

Interrogava-se deste modo, inquieto. A presença de um anjo talvez lhe indicasse a direcção a tomar, para além do cultivo da horta e do auxílio que prestava aos mais idosos. Sentia nesse préstimo uma embriaguez vaidosa, percebia-o agora. E, em boa verdade, ele não era nada e nada tinha consigo que pudesse dar.

A sua frente tinha parado aquele que supusera ser um anjo. Frei João que sabia da nomenclatura dos anjos, ainda se haveria de rir, pensou. O homem que ali estava, e já ia alta a hora da madrugada, era só silêncio. Estava muito escuro, mas o primeiro desfazer do negrume da noite, deu para que percebesse o contorno do corpo. Era um anjo - e ele teimava - inesperadamente forte. O que atenuou o lado de fascínio que podia esperar da presença de um anjo; porque apesar de se lhe poder atribuir um corpo,

Boaventura esperava um ser mais diáfano.

Fechou os olhos, agora que o contorno daquele que surgira se tomava mais visível. E quando os voltou a abrir não viu nada de fantasmagórico. Estava à sua frente um homem que em tudo se parecia consigo; talvez com um ar menos cansado, pois devia ter dormido algumas horas, coisa que não conseguira fazer naquela noite. «Qual anjo. O homem não passava de um simples turista, que viera a Santa Maria nos fins do outono.» Disse para si mesmo, enquanto mostrava o outro meio sorriso que guardara: uma espécie de boas-vindas declaradas sem qualquer temor. Era bem mais real do que a sua ideia de anjo. Não trouxe consigo uma processão de nuvens obscurecendo a lua. De resto, estava-se em lua nova. Não se fez anunciar por um rasto de luz súbita. «Não sei se me chama ou se quer que me afaste. Provavelmente não quer, sequer, que lhe diga nada. Veio até aqui com curiosidade pelo teatro. Bem pouco tem para ver esta espécie de palco de pedra caiada.»

Regressou ao convento. Chamemos-lhe assim, que é o modo como todos se referem a essa casa que em nada se distingue de todas as outras de Almagreira. Ao passar ao lado do homem, cumprimentou-o com um leve inclinar da cabeça e com um «bom dia». Não olhou nunca para trás. Masseur já estava levantado e João preparava o pequeno almoço. Mal se sentou num banco da cozinha, bateram à porta. Um bater inesperado. «Como se fosse a irrupção da Graça», pensou Boaventura. No entanto, não se atrevera ainda a contar o estranho encontro, que nem encontro fora. Masseur abriu a porta. E o homem que aparecera no terreiro do teatro entrou e parou junto à mesa da cozinha. João estendeu-lhe uma tigela com leite. Ele fez um sinal com a mão direita, como

quem agradece, mas não aceita. Agora, Boaventura podia ver bem todos os traços do seu rosto: expressava uma triste impassibilidade que excluía toda a impressão de temor - que não sentira, quando esteve tão perto dele, durante um tempo que não conseguiu avaliar de modo exacto - e, também, segurança, alegria ou tristeza. Era, somente, um homem estranho. A estranheza advinha de uma dificuldade que sentia em fixar-lhe a representação física, a cor dos olhos ou dos cabelos; traços que tão depressa via, como logo de seguida esquecia; e voltava a olhar e de imediato esquecia.

Dirigindo-se a João, o visitante interrogou-o sobre a predestinação. João, sem uma palavra, indicou-lhe a saída. Voltou a bater à porta, e de novo Masseur a abriu. Desta vez pôs a sua dúvida sobre a predestinação a Boaventura, que lhe respondeu:

«É um termo cómodo para designar causas que nos são desconhecidas, quando pela hora da noite, face a face, a imaginação nos conduz para bem longe da minúscula tenda que sustenta o teatro de todo o ser humano.»

O homem, que não passara de uma espécie de passageiro da noite, mais silencioso do que os três monges, abandonou a casa. E certo que sorriu para Boaventura e aceitou a tigela de leite que frei João lhe voltara a estender. Um estranho silêncio perdurou entre os arbustos do jardim e enquanto João, sentado à mesa, apoiou a cabeça sobre um braço desejando sentir o ruído do mar, Boaventura e Masseur olharam um para o outro. E Boaventura disse, sonhador: «Era provavelmente um anjo.» Nunca o vale onde se situa Almagreira pareceu tão profundo. Nunca a colina que lhe serve de anteparo pareceu tão elevada.

João Miguel
Fernandes Jorge

QUANDO ELAS BRIGAM (continuação da pág III)

terminada por procuração, se é que posso dizer assim. Quando duas se travavam de razões e uma delas, por inibição, orgulho ou reconhecimento de incapacidade própria para desforra condigna, se recolhia, tinha a alternativa de recorrer a uma terceira mulher que, não sendo tida nem achada naquele imbróglio, desempenhava, profissionalmente, a função de vingadora. Tratava-se, *in limine*, de uma mercenária a quem, expostas as razões e os anteriores trâmites da questão, era encomendada a descompostura. No dia e hora aprezados, esta terceira mulher acercava-se da que até então se julgara detentora da última palavra e desfechava-lhe os mais duros golpes alocutórios que o seu vocabulário prendado permitia. No caso de serviço ao domicílio - o mais frequente - esta criatura optava pelo caminho mais longo e, enquanto subia ou descia a rua, já ia gesticulando e ensaiando, entre dentes, os impropérios, enfim, o virulento discurso que, mal se abria a porta, se disparava ininterrupta e irresponsavelmente, ante a surpresa da vítima.

Um serviço como qualquer outro que já terá desaparecido dos actuais costumes. É pena?

Talvez.

Maria de Fátima Borges

TRÊS RETRATOS DE S. PEDRO

no pórtico dos *Avós dos Nossos Avós*, ao evocar José Leite de Vasconcelos, seu quase patrício da Ucanha. Tanto num como noutro retábulo, estamos perante o notável impulso criador da pintura portuguesa do século XVI: a composição larga e equilibrada e a observação atenta dos pormenores, a segurança do desenho, a eloquência do colorido, o fulgor das jóias, o tratamento sumptuoso das roupagens e (não esqueçamos o principal) a verdade anatómica e psicológica do retrato. No São Pedro de Viseu e no de Tarouca, é igual a posição do retratado; o modelo é, porventura, o mesmo. Sem, de momento, enveredar na complexa averiguação da autoria, lembro-me da explicação que ouvi de Aquilino: o São Pedro de Viseu, num trono da Renascença, de cabeça erecta, solenemente coberta de tiara, simboliza a autoridade pontifícia, que sairá ainda mais reforçada no Concílio de Trento com o endurecimento teológico e o radicalismo dogmático. Já o São Pedro de Tarouca aproxima-se de nós com a rudeza fisionómica do beirão. Nada mais exacto. Sempre que lá vou reencontro-o com o movimento das figuras dos autos de Gil Vicente e das obras de Aquilino. Podia ter falado e convivido com o Malhadinhas. Não lhe aplicava severas

penitências. Faz parte da minha pinacoteca sentimental outro São Pedro. Revejo-o, para além do mar, na minha ilha sempre tão longe e tão perto. A imagem do altar-mor da Ribeira Seca, da Ribeira Grande, é medíocre. A primitiva foi recuperada numa arrecadação. Julgo ser do final do século XV ou dos começos do século XVI. Talvez seja a mais antiga peça de estatuária religiosa da região dos Açores. Embora muito deteriorada, a falta de dinheiro impediu, felizmente, um daqueles restauros, em Braga e de Braga, onde pintam os lábios, colocando-lhes, ainda, verniz, para não haver dúvidas. Este terceiro Pedro, da Ribeira Seca, da Ribeira Grande, obriga a parar, todos os anos, a ilha inteira. A festa ultrapassa as cerimónias litúrgicas. Dá lugar à realização das Cavalhadas, espectáculo único em São Miguel, no arquipélago e no resto do País. Tem inesgotável força dionisiaca, o impacto do profano no sagrado. Há um caudaloso universo emocional que se comunica da alma do povo à agilidade nervosa dos cavalos e ao esplendor das flores e dos frutos. Nada falta para sentir e viver a terra. De todos, este é, afinal, o meu Pedro.

António Valdemar



Junta de Freguesia
Ribeira Grande
MATRIZ



APOIAMOS O DESPORTO